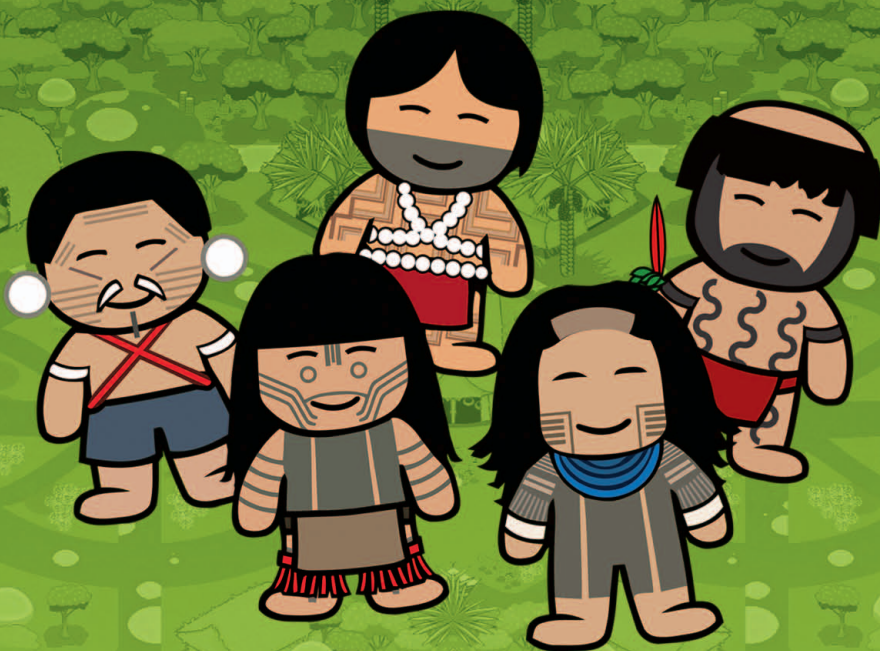


MIRIM

POVOS INDÍGENAS
no BRASIL



Instituto
Socioambiental

**POVOS INDÍGENAS
NO BRASIL
MIRIM**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Povos indígenas no Brasil mirim / [coordenação Fany Ricardo] . -- 2. ed -- São Paulo : Instituto Socioambiental, 2020.

1. Índios da América do Sul - Brasil 2. Povos indígenas - Brasil I. Ricardo, Fany.

16-04371

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Povos indígenas 980.41

2. Povos indígenas : Brasil 980.41

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL MIRIM

2ª edição
SÃO PAULO, 2020



Instituto
Socioambiental

Carta ao leitor

A publicação que você tem em mãos apresenta imagens, narrativas e informações sobre alguns dos 256 povos indígenas que vivem atualmente no Brasil: uma população de quase 900 mil pessoas (Censo IBGE, 2010) e falante de mais de 150 línguas diferentes.

Dividido em quatro capítulos – Quem são, Onde estão, Como vivem e Antes de Cabral –, este livro é uma transformação do primeiro site sobre a sociodiversidade indígena voltado ao público infanto-juvenil: o Povos Indígenas no Brasil Mirim [<http://pibmirim.socioambiental.org/pt-br>].

Lançado em 2009, o site já atingiu mais de 1,3 milhões de visitantes e vem se consolidando como uma das principais fontes de conhecimento sobre os povos indígenas no Brasil – tendo conquistado, em 2011, o terceiro lugar do Festival *ComKids Prix Jeunesse Iberoamericano*, na categoria digital.

Essa adaptação para o formato livro visa, assim, ampliar e democratizar o acesso aos conteúdos do site a um maior número de crianças, jovens e professores das redes pública e privada.

A decisão de criar o site que deu origem a este livro foi inspirada pela interação com crianças, jovens e adultos que acessavam o site Povos Indígenas no Brasil [<http://pib.socioambiental.org>] e nos enviavam mensagens demandando conteúdos específicos para esse público.

Além de textos em linguagem acessível, o site conta com imagens, mapas e vídeos



Assim como o site, essa publicação mantém o objetivo de apresentar um painel da sociodiversidade indígena brasileira, romper com a ideia de que “todos os índios são iguais”, além de despertar o interesse e o respeito das crianças às culturas indígenas existentes no Brasil.

Boa leitura!

Fany Ricardo e Tatiane Klein

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL MIRIM, 2ª edição, 2020
© Instituto Socioambiental, 2020 [1ª edição, 2015]

Coordenação: Fany Ricardo

Editores assistentes: Tatiane Klein

Equipe de edição do site Povos Indígenas no Brasil Mirim: Majoí Favero Gongora; Júlia Trujillo Miras; Ana Cecília Venci Bueno; Graziela Rissato; Tatiane Klein; Maria da Conceição Tavares; Gabriella Contoli; Isabel Harari

Projeto gráfico: Sylvia Monteiro (*in memoriam*)

Editoração: Vera Feitosa/DUO projetos gráficos & editoração

Edição de imagens: Cláudio Aparecido Tavares/ISA

Mapas: Rose Rurico Sacó/Laboratório de Geoprocessamento do ISA, Ana Cristina Silveira/AnaCê Design

Criação de avatares: Guilherme dos Santos Tsubota, 8D Games

Ilustração de avatares: José Vitor Calfa, 8D Games

Parceiros:

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP)

<http://www.mae.usp.br>

Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS-SP)

<http://www.mis-sp.org.br>

Projeto Bira

<http://www.projetobira.com>

SESC São Paulo

<http://www.sescsp.org.br>

Apoio:



EMBAIXADA DA NORUEGA



Fotógrafos do Mosaico “Quem são”: Pedro Portella, Wilson Dias/Agência Brasil, Moreno Saraiva Martins, Ton Koene, Marcello Casal Jr./Agência Brasil, Vincent Carelli/Vídeo nas Aldeias, Beto Ricardo/ISA, Isaac Amorim Filho, Tiago Moreira dos Santos/ISA, Paulo Junqueira/ISA, Valter Campanato/Agência Brasil, Tatiana Cardeal, Susana Viegas, André Villas-Bôas/ISA, Michel Pellanders/Hollandse Hoogte, APIZ-Associação do Povo Indígena Zoró Pangyjej, Nigel Smith, Uirá Felipe Garcia e Eduardo Viveiros de Castro.

Agradecimentos:

Alex Piaz, Beto Ricardo, Eduardo Neves, Eduardo Viveiros de Castro, Eduardo Útima, Itaú Cultural, Julia Navarra, Leila Maria Monteiro da Silva, Leonardo Cadaval, Luiz Adriano dos Santos, Marcelo Max, Margareth Nishiyama, Maria Cristina Troncarelli, Marina Herrero, Moreno Saraiva Martins, Museu da Língua Portuguesa, Paula Mendonça de Menezes, Paulo De Blais, Paulo Eduardo Zanettini, Silvio Carlos, Walter Alves Neves e Silvio Carlos.

Agradecemos também aos fotógrafos, identificados ao longo da publicação, pela cessão das imagens.

Quem são	9
O QUE É SER ÍNDIO?	11
LÍNGUAS INDÍGENAS	15

Onde estão	25
TERRAS INDÍGENAS	28
MODOS DE OCUPAR O TERRITÓRIO	33

Como vivem	47
ALIMENTAÇÃO	49
BRINCADEIRAS	62
CASAS	72
JEITOS DE APRENDER	82
MITOS	94
QUEM FAZ O QUÊ	102

Antes de Cabral	109
POVOAMENTO DA AMÉRICA	113
OCUPAÇÃO NO BRASIL	116

Saiba mais	
FONTES DE INFORMAÇÃO	126





QUEM SÃO

Existem mais de 240 povos indígenas no Brasil.

São quase 900 mil pessoas, falando mais de 150 línguas indígenas!

Apesar de existir uma grande diversidade de culturas e línguas entre os povos indígenas no Brasil, à época da chegada dos colonizadores essa diversidade era muito maior.

Vários estudos indicam que no século XVI havia entre 2 e 4 milhões de índios, que pertenciam a mais de mil povos e falavam mais de mil línguas diferentes!

Durante milhares de anos, os povos que viviam no continente americano conviveram, compartilharam experiências e ideias, e estabeleceram relações de troca, criando um conjunto de características comuns.

Esse conjunto de características permite chamar de ameríndios todos os índios das Américas do Norte, Central e do Sul. Eles são os povos originários das Américas e até hoje se relacionam e compartilham conhecimentos.

Uma outra característica que marca a história comum desses povos é a experiência da colonização, isto é, o impacto que as violentas ações dos colonizadores gerou nas suas vidas.

As consequências dessas violências foram a extinção de muitos povos, a diminuição no número de pessoas, a perda de suas terras, o desrespeito e a desvalorização de suas culturas. Infelizmente essa trágica experiência foi vivida por muitos povos ameríndios.



© Vincent Carelli/Video nas Aldeias

Crianças Enawenê-nawê,
Terra Indígena Enawenê Nawê, MT



Criança makuna no rio Tiquié, Amazonas.

◉ QUE É SER ÍNDIO?

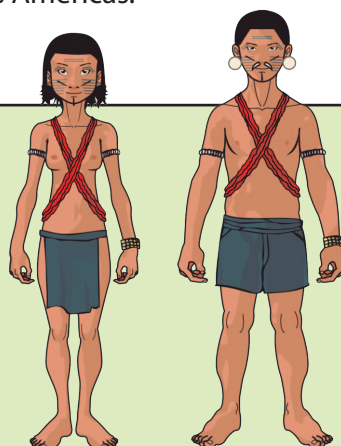
Índio é aquele que se identifica com uma comunidade indígena e é visto por ela como um membro.

Entendemos como comunidade indígena um conjunto de pessoas que:

- mantêm relações de parentesco ou vizinhança entre si;
- são descendentes dos povos que habitavam o continente antes da chegada dos europeus;
- apresentam modos de vida que são transformações das antigas formas de viver das populações originárias das Américas.

MATIS

Os Matis somam 390 pessoas que vivem na região do Vale do Javari, no Amazonas. Falam uma língua da família Pano. Todos se reconhecem como *mushabo* ("gente tatuada") ou *wanibo* ("gente da pupunha"), porque possuem tatuagens no rosto feitas com o espinho da palmeira da pupunha.



Os índios são todos iguais?

Algumas vezes nos referimos aos povos indígenas genericamente como índios, porque quando falamos índios, estamos nos referindo a grupos que se reconhecem como semelhantes em alguns contextos.

Apesar das semelhanças que podemos notar entre vários povos indígenas, quando eles se comparam entre si reconhecem suas diferenças, pois prestam atenção nas particularidades de cada grupo.

Cada povo indígena possui tradições culturais próprias, isto é, tem uma história particular, além de possuir práticas e conhecimentos únicos.

É a mesma situação dos franceses e ingleses, por exemplo, que recebem o nome comum de europeus, por oposição aos africanos, aos sul-americanos e outros, ainda que apresentem diferenças entre si, falem línguas diferentes, tenham festas, costumes e hábitos distintos.

É por isso que não podemos dizer que existe uma única “cultura indígena”: cada comunidade tem seu modo de ser.

Existem, portanto, muitas culturas indígenas!

Abaixo estão alguns dos nomes dos povos indígenas que vivem no Brasil!

Guarani
Djeoromitxi
Rikbaktsa
Ka'Apor Pirahã
Kadiwéu Kariri-Xokó
Tsohom-Dyapa
Jenipapo-Kanindé Pataxó Hã-Hã-HãE Juma
Shanenawa
Kulina Xukuru Xakriabá Tenharim
Matis Taurepang
Uru-Eu-Wau-Wau
Fulni-ô Kaingang
Nadöb Zo'é
Xetá

De onde vem a palavra índio?

A palavra índio é fruto do engano dos primeiros colonizadores. Ao chegarem nas Américas, eles pensaram estar na Índia e então chamaram de índios os habitantes do continente!

No Brasil essa palavra é usada como sinônimo de indígena. Indígena quer dizer “aquele que é nativo e descendente dos povos originários de uma localidade”.

Índios que convivem muito com os brancos deixam de ser índios?

Não! Mesmo se relacionando com os não indígenas e passando a usar, por exemplo, panelas, roupas e, em alguns casos, até computadores, os povos indígenas continuam praticando suas tradições e continuam a se afirmar como grupos diferenciados, com culturas próprias. Afinal, o que define um índio como índio não é sua aparência.



Índio filma a festa do Kuarup.
Xingu, MT.

© Valtier Campanato/Agência Brasil

QUEM SÃO OS BRANCOS?

Aqueles que os índios chamam de brancos incluem pessoas das mais diferentes origens e culturas. Pessoas que os índios não veem como semelhantes – seja por não possuírem uma história comum ou por não terem as mesmas tradições culturais dessas populações. Por isso o termo mais adequado para se referir a essa diversidade de pessoas é **não indígena**, em contraposição ao termo **indígena**.

Mas cada povo indígena dá também nomes específicos para os não indígenas – e até para outros povos indígenas.

Os Yanomami, que vivem nos estados de Roraima e Amazonas, chamam os não indígenas de *napëpë*, que em sua língua significa “estrangeiro ou inimigo”.

Os Guarani Mbyá, que vivem nos estados do sul e do sudeste brasileiros, usam comumente o termo *jurua*, que quer dizer “boca com cabelo”. Esse nome é uma referência às barbas e bigodes dos conquistadores europeus, mas hoje é usado para se referir a todos os não indígenas.

Na Amazônia, outro povo falante de uma língua tupi, os Wajãpi, chama os brancos de *kirahi*. Já os Tupinambá, à época da colonização, usavam o termo *peró* para falar dos portugueses.

Já os Munduruku, que vivem na região do Rio Tapajós, no Pará, usam a palavra *pariwat* para identificar “os que não pertencem a esse lugar”, seus inimigos. Também no Pará, mas na região sudeste, vivem os Gavião Parkatejê, que chamam os não indígenas de *kupen* – um sinônimo de “outro” em sua língua.

Outro termo muito comum para chamar os brancos é *caraíba*, *karaíba* ou *kajaíba*. Na região do Xingu, no Mato Grosso, diversos povos diferentes, como os Mehinako, os Kuikuro, os Kalapalo e os Kawaiwete, usam variações dessa palavra.

Leia aqui [<http://isa.to/1ITCTRm>] uma narrativa kuikuro sobre o aparecimento dos caraíba. Leia aqui [<http://isa.to/1ITD1At>] dez outras narrativas indígenas sobre a chegada dos brancos.



LÍNGUAS

No mundo todo são faladas mais de 6 mil línguas diferentes! Desse conjunto, mais de **150** línguas são faladas pelos povos indígenas no Brasil!

Quantas línguas indígenas existiam no Brasil quando os portugueses chegaram?

Em 1550, esse número devia ser próximo de 1.200 línguas. Se hoje temos aproximadamente 150, podemos afirmar que mais ou menos mil línguas indígenas deixaram de existir no Brasil nos últimos 500 anos. É o que dizem muitos estudiosos do assunto.

Como uma língua deixa de existir?

Uma língua está em risco de extinção quando ela deixa de ser transmitida de uma geração para outra; quando os falantes param de usá-la ou só a usam em um número pequeno de situações de comunicação.

Na maioria das vezes, a quebra na transmissão da língua se dá quando os pais ainda falam com seus próprios pais na língua materna, mas não fazem o mesmo com seus filhos.

A diversidade das línguas é importante porque cada língua reúne um conjunto de conhecimentos únicos, saberes de um povo. Assim a perda de qualquer língua é, antes de tudo, uma perda para toda a humanidade.

LÍNGUAS INDÍGENAS

Quando falamos de línguas indígenas, a primeira coisa que se pensa é que todos os povos falam Tupi.

Isso não está correto. O Tupi é um tronco linguístico e não uma língua. Esta confusão acontece porque muitas palavras do vocabulário brasileiro têm origem nas línguas da família Tupi-Guarani.

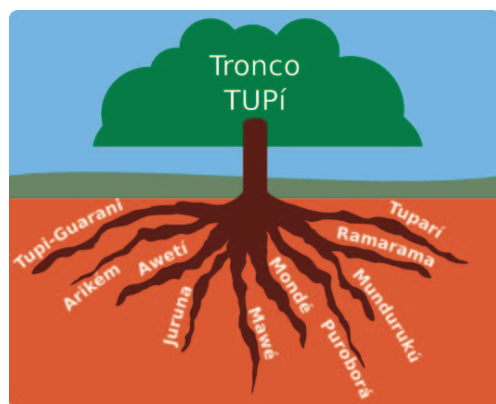
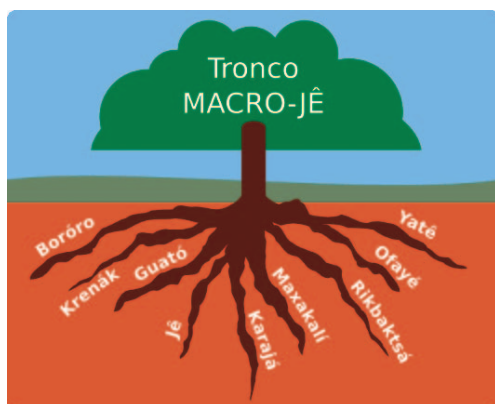
As línguas indígenas são todas parecidas?

Algumas são mais semelhantes entre si do que outras, mostrando que elas têm origens comuns, apesar de terem sofrido transformações ao longo do tempo.

Os especialistas no conhecimento das línguas, os linguistas, estudam as semelhanças e as diferenças entre elas e as classificam em troncos e famílias linguísticas.

O tronco linguístico é um conjunto de línguas que têm a mesma origem: uma língua mais antiga, que não é mais falada. Como essa língua de origem existiu há milhares de anos, as semelhanças entre todas as línguas que vieram dela são muito difíceis de serem percebidas. Já a família linguística é um conjunto composto por línguas que se diferenciaram há menos tempo.

O Português, por exemplo, pertence ao tronco Indo-Europeu e à família Latina. Nossa língua se parece muito com o Francês e com o Espanhol, porque pertencem a uma mesma família. Já se compararmos o Português e o Russo, quase não há semelhanças: as diferenças entre as duas línguas são enormes! Isso acontece porque, apesar de serem de um mesmo tronco, são de famílias linguísticas



diferentes: o Português é da família Latina e o Russo é da família Eslava.

Com as línguas indígenas é a mesma coisa!



Como são classificadas as línguas indígenas no Brasil?

No Brasil, existem dois grandes troncos, o **Macro-Jê** e o **Tupi**.

Dentro do tronco Tupi existem dez famílias linguísticas e no Macro-Jê, nove famílias.

Há também 20 famílias que apresentam tão poucas semelhanças que não podem ser agrupadas em troncos linguísticos.

Veja abaixo alguns exemplos de como são escritas palavras como pedra, fogo, jacaré, pássaro e onça nas línguas da família Tupi-Guarani!

Note as semelhanças e as diferenças entre as palavras!

Família Tupi-Guarani (Tronco Tupi)

Palavras Língua

	Guarani Mbyá	Tapirapé	Parintintin	Wajãpi	Geral Amazônica
pedra	itá	itã	itá	takúru	itá
fogo	tatá	tãtã	tatá	táta	tatá
jacaré	djakaré	txãkãré	djakaré	iakáre	iakaré
pássaro	gwyrá	wyrã	gwyrá	wýra	wirá
onça	djagwareté	txãwãrã	dja'gwára	iáwa	iawareté

Fonte: Povos Indígenas no Brasil / Instituto Socioambiental

Palavras indígenas que foram incorporadas ao Português

Existem muitas palavras usadas pelos brasileiros – como nomes de coisas, lugares, animais, alimentos – que têm origem nas línguas da família Tupi-Guarani, como aquelas que eram faladas pelos índios Tupinambá e Tupiniquim.

Descubra a seguir palavras da língua Tupinambá que foram incorporadas ao vocabulário dos brasileiros. **Você se surpreenderá!**

Palavras em Tupinambá usadas para nomear lugares, serras e rios

Aratuípe	"no rio dos caranguejos"
Comandatuba	"feijoal"
Jacareí	"rio dos jacarés"
Jundiaí	"rio dos bagres"
Pavuna	"lagoa escura"
Paraíba	"rio ruim"
Sergipe	"no rio dos siris"
Una	"rio preto"
Araraquara	"formigueiros de arará"
Boracéia	"dança"
Butantã	"chão duro"
Caraguatatuba	"gravatazal"
Itaim	"pedrinhas"
Ipiranga	"rio vermelho"
Itaquaquetuba	"lugar onde há muita taquara-fraca"
Jabaquara	"esconderijo de fugitivos"
Jaguariúna	"rio preto das onças"
Moji-Mirim	"rio pequeno das cobras"
Piracicaba	"lugar onde chegam os peixes"
Paranapiacaba	"mirante do mar, lugar onde se vê o mar"
Ubatuba	"lugar onde há muita cana para flechas"

Palavras em Tupinambá usadas para nomear animais e plantas

Aves	Jacu, urubu, seriema
Insetos	saúva, pium
Peixes	baiacu, traira, piaba, parati, lambari, piranha
Répteis	jaraçá, sucuri, jabuti, jacaré, jibóia
Outros animais	Tamanduá, capivara, jacaré, sagüi, jabuti, quati, paca, cutia, siri, tatu, arara
Frutas	abacaxi, cajá, mangaba, jenipapo, maracujá
Árvores	copaíba, embaúba, jacarandá, jatobá

Quadro de significados

Palavra em Português	Significado em Português	Palavra em Tupinambá	Significado em Tupinambá
Pixaim	Cabelo, crespo	Apixa'im	Crespo, enrugado
Socar	Bater, pilar	Sók	Pilar, bater com ponta
Cutucar	Tocar em outra pessoa para chamar-lhe atenção	Kutúk	Tocar com objeto pontiagudo, ferir
Pipoca	Grão de milho estourado	Pípóka	Pele estourada
Caatinga	Região árida no nordeste brasileiro	Ka'átínga	mato branco
Capim	mato	Kapi'í	Erva
Tocaia	Vigia, espreita	Tokáia	Cabana em que o caçador espreita a caça

Fonte: Museu da Língua Portuguesa

Existem povos indígenas que falam mais de uma língua?

Sim, muitos indígenas falam ou entendem mais de uma língua. Em algumas comunidades, falar várias línguas é comum. Esse fenômeno é conhecido como multilinguismo.

É possível até encontrar numa mesma aldeia pessoas que só falam a língua indígena, outros que só falam o Português e outros ainda que são multilíngues. A diferença de línguas geralmente não é um impedimento para que os povos indígenas se relacionem e casem entre si, troquem coisas, façam festas ou tenham aulas juntos.

Um bom exemplo são os índios da família linguística Tukano, que vivem em grande parte ao longo do rio Uaupés, na fronteira do Brasil com a Colômbia. Muitas pessoas falam de três a cinco línguas, ou mesmo mais!

O multilinguismo dos índios do rio Uaupés não inclui somente línguas da família Tukano, mas também idiomas das famílias Arúak e Maku, assim como o Português, o Espanhol e a Língua Geral Amazônica – o **Nheengatu**.



Frases e palavras na língua tuyuka

Os Tuyuka vivem no norte da Amazônia, próximo ao Rio Negro e ao Rio Uaupés. As crianças tuyuka falam pelo menos duas línguas, o Tuyuka, que é a língua do pai, e a língua da mãe, que costuma ser o Tukano.

Você já ouviu alguma palavra em Tuyuka? Assista ao vídeo [<http://isa.to/1dgA0dN>] e descubra frases e palavras na língua tuyuka!

Existe uma língua principal, que ajude na comunicação entre diferentes povos?

Às vezes uma das línguas torna-se o meio de comunicação mais usado. Os especialistas chamam essa língua de língua-franca. A língua Tukano, que pertence à família Tukano, é um exemplo. Ela tem uma posição social privilegiada entre as demais línguas dessa família, porque se converteu em língua-franca da região do Alto Rio Negro.

Mas há casos em que é o Português que funciona como língua-franca.

Já em algumas regiões da Amazônia, por exemplo, diferentes povos indígenas e populações ribeirinhas falam o Nheengatu, a Língua Geral Amazônica, para conversar entre si.

O QUE É O NHEENGATU?

A Língua Geral Amazônica, ou Nheengatu (ie'engatú = "língua boa"), foi desenvolvida a partir da língua Tupinambá, falada em uma enorme extensão da costa brasileira. Isso aconteceu entre os séculos XVII e XVIII, no Maranhão e no Pará.

Aos poucos, o uso dessa língua intensificou-se e generalizou-se de tal forma que, a partir do início do século XVIII, ele acompanhou a expansão portuguesa na Amazônia, estendendo esse uso a todo o vale do Rio Amazonas e afluentes. Subindo pelo Rio Negro, o Nheengatu alcançou também a Amazônia venezuelana e colombiana.

A língua foi aprendida por grande parte dos colonos e missionários, e foi ensinada aos índios nos aldeamentos. Ao longo dos séculos, o Nheengatu passou por muitas transformações, mas continua sendo falado nos dias de hoje, especialmente na região do Rio Negro, por povos como os Baré e os Arapaso.

Em São Paulo existiu outra língua geral: a Língua Geral Paulista. Ela teve sua origem na língua dos índios Tupiniquim de São Vicente e do planalto de Piratininga (no atual Estado de São Paulo), que era um pouco diferente da língua dos Tupinambá. No século XVII, já era falada pelos exploradores dos sertões, conhecidos como bandeirantes. Por intermédio deles, a Língua Geral Paulista penetrou no interior de São Paulo, em Minas Gerais, sul de Goiás, Mato Grosso e norte do Paraná.

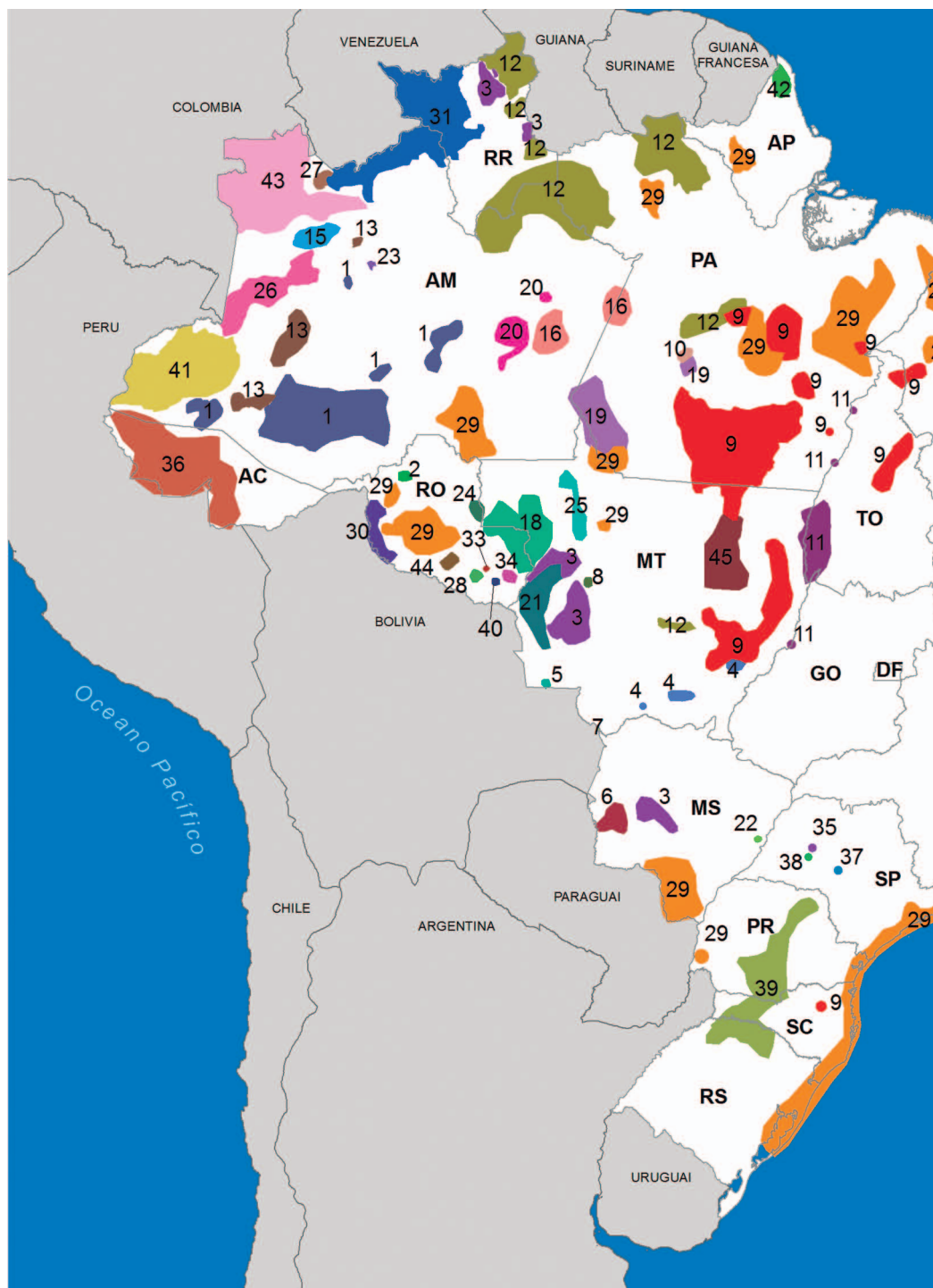
Existem no Brasil índios que não falam mais sua língua?

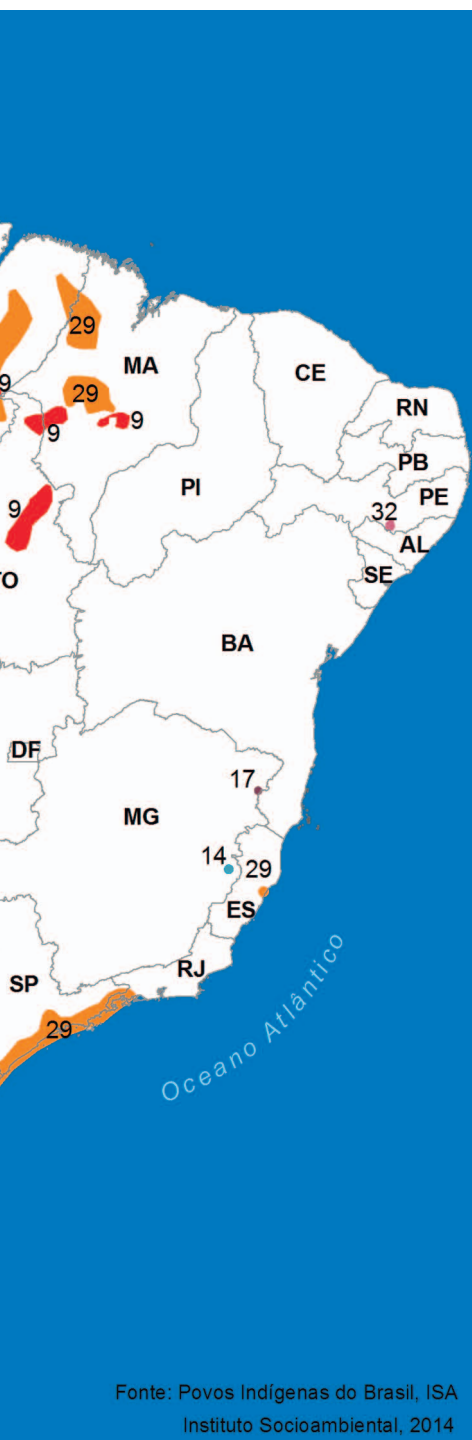
Sim! Em certas regiões do Brasil alguns povos indígenas não falam mais sua língua nativa. Um exemplo é o do Nordeste, a mais antiga região de colonização do Brasil. É nela que existe o menor número de povos indígenas e de línguas nativas – exatamente porque foi nessa região que surgiram os primeiros aldeamentos missionários.

Os aldeamentos eram locais onde se fazia a catequese dos índios (educação religiosa). Nos aldeamentos, diferentes grupos indígenas eram obrigados a viver juntos e, para isso, tinham que abandonar seus territórios tradicionais, suas línguas e tradições culturais. Os missionários tentavam a todo custo converter os indígenas ao catolicismo e ao jeito de ser do colonizador.

Foi um longo e violento período no qual muitos povos indígenas foram escravizados e maltratados, sofrendo com a fome, as doenças transmitidas pelos não índios, a discriminação e o preconceito. O uso da língua materna e suas práticas culturais eram muitas vezes proibidas. É por causa dessa violência que muitos povos foram extintos e ou foram obrigados a abandonar o uso da língua nativa.

LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL





Famílias Linguísticas

- 1 - Arawá
- 2 - Arikém
- 3 - Arúak
- 4 - Boróro
- 5 - Chiquito
- 6 - Guaikuru
- 7 - Guató
- 8 - Iranxe
- 9 - Jê
- 10 - Juruna
- 11 - Karajá
- 12 - Karib
- 13 - Katukina
- 14 - Krenák
- 15 - Makú
- 16 - Mawé
- 17 - Maxakali
- 18 - Mondé
- 19 - Mundurukú
- 20 - Mura
- 21 - Nambikwára
- 22 - Ofayé
- 23 - Puroborá
- 24 - Ramarama
- 25 - Rikbaktsá
- 26 - Tikúna
- 27 - Tukano
- 28 - Tuparí
- 29 - Tupi-Guarani
- 30 - Txapakúra
- 31 - Yanomami
- 32 - Yatê
- 33 - Aikaná e Koazá
- 34 - Aikaná e Nambikwára
- 35 - Arúak e Jê
- 36 - Arúak e Pano
- 37 - Arúak e Tupi-Guarani
- 38 - Jê e Krenák
- 39 - Jê e Tupi-Guarani
- 40 - Kanoê e Tuparí
- 41 - Katukina e Pano
- 42 - Arúak, Crioulo Francês e Karib
- 43 - Arúak, Makú, Tukano e Tupi-Guarani
- 44 - Aikaná, Jabutí, Kanoê, Mondé e Tuparí
- 45 - Arúak, Awetí, Jê, Juruna, Karib, Tupi-Guarani e Trumái

Casa coletiva dos Yanomami, Demini, Terra Indígena Yanomami (AM). Foto: © Ana Maria Machado/ISA



ONDE ESTÃO



Você sabia que há povos indígenas em quase todos os cantos do Brasil?

Por aqui, boa parte da população indígena vive em áreas chamadas de Terras Indígenas. Existem hoje quase **700 Terras Indígenas** no país.

Em quase todos os estados brasileiros existem terras indígenas reconhecidas – exceto no Piauí e no Rio Grande do Norte. Mas os índios não vivem apenas nas terras indígenas.

Há comunidades indígenas vivendo em beiradões de rios, em cidades amazônicas e até em algumas capitais brasileiras. Isso acontece principalmente porque, para os povos indígenas, os espaços em que se mora, planta, caça ou caminha vão além das fronteiras criadas pelo ho-

© Beto Ricardo/ISA



Vista aérea da Escola Indígena Baniwa e Coripaco (EIBC-Pamáali), Terra Indígena Alto Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira, AM.

mem branco. E porque ninguém deixa de ser índio por estar em uma região considerada urbana, fora das fronteiras definidas para suas terras.

Para os índios, o lugar em que se vive não é apenas um cenário, é um território: um espaço totalmente conectado com um jeito tradicional de estar no mundo, conectado com suas culturas. Por isso, cada povo tem um jeito de explicar seus modos próprios de ocupar um território.

Como os Zo'é entendem seu território?

Os Zo'é são índios que vivem nas proximidades do Rio Cuminapanema, no norte do Pará, e que falam de uma língua da família Tupi-Guarani. Eles ocupam seu território realizando movimentos de deslocamento e de concentração da população nas aldeias; já o tempo é distribuído em períodos dedicados às roças e às expedições de caça, pesca e coleta.

Em sua língua não existe uma palavra específica para "território", o termo que mais se aproxima disso é *-koha* que pode ser traduzido como "modo de vida", "bem viver" ou "qualidade de vida". Esse termo inclui elementos como as condições ambientais e as formas de cuidar dos recursos necessários para viver, mas também pode significar o modo como os Zo'é se organizam no espaço, divididos em pequenos

grupos de parentes morando em lugares separados.

© Dominique Gallois



Mulher zo'é dando banho em uma criança, no Amapá.

Hoje em dia muitos povos sofrem com o fato de não poderem circular como antes da invenção das cidades, das fronteiras, do mundo dos brancos.

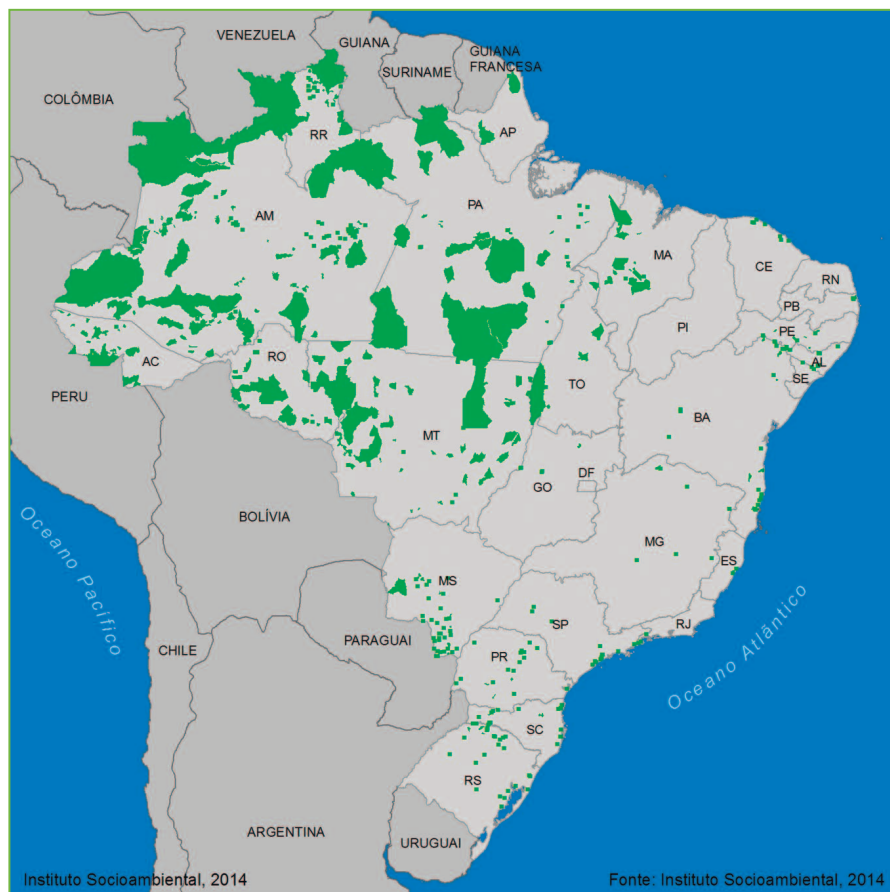
Os Xavante, por exemplo, que tinham o costume de caminhar muito por seu território, estão hoje obrigados ao sedentarismo. Sedentarismo quer dizer ficar no mesmo lugar, ou seja, não se movimentar no espaço. Embora eles ainda realizem pequenas excursões de caça e coleta dentro das suas áreas, o território em que podiam caminhar diminuiu muito.



TERRAS INDÍGENAS

Terras Indígenas são de propriedade da União (do Estado brasileiro) e de uso exclusivo dos índios que as ocupam tradicionalmente. Esses territórios são legalmente demarcados pelo governo brasileiro. Isso quer dizer que o Estado tem por obrigação protegê-los, e assim não é permitida a entrada de não indígenas nessas terras, a não ser com a autorização da comunidade indígena ou da Funai. Veja onde estão localizadas as **Terras Indígenas no Brasil**.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL



Você verá que alguns territórios indígenas estão situados em mais de um estado. Isso acontece porque esses territórios já existiam antes da divisão do Brasil em estados tal como são hoje

O mesmo ocorre com as fronteiras entre os países! Muitas vezes encontramos povos indígenas que vivem entre dois ou mais países, porque já ocupavam essas áreas antes dos países existirem – isto é, antes da criação das fronteiras. É o caso dos Guarani, que vivem em quatro países: Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina. Já os Yanomami vivem no norte do Brasil e na Venezuela. Esses grupos, apesar de estarem separados por fronteiras internacionais, se relacionam com seus parentes que vivem nos países vizinhos, mantendo as redes de trocas e de comunicação entre as diferentes comunidades.

ONDE VIVE A MAIORIA DOS ÍNDIOS?

Cerca de **55%** da população indígena vive na chamada **Amazônia Legal**. Essa região abrange os Estados do Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins, Mato Grosso e a parte oeste do Maranhão.

As Terras Indígenas localizadas nessa região são maiores do que aquelas existentes em outras regiões do país. A ocupação do território brasileiro pelos não índios, desde 1500, começou com a expulsão dos índios que viviam em áreas mais ou menos próximas ao litoral.

Assim, as áreas mais afastadas, no interior do país, como a Amazônia Legal, foram as últimas a serem ocupadas, e é por isso que hoje em dia as Terras Indígenas lá são maiores. Para os povos que habitam a região, isso significa uma melhor qualidade de vida, pois eles dependem diretamente do tamanho da área que ocupam para manter sua vida e sua cultura.

Quanto maior é a Terra Indígena, mais plantas e animais existem e, assim, mais alimentos, mais remédios, mais matéria-prima para a fabricação de objetos e casas, etc.

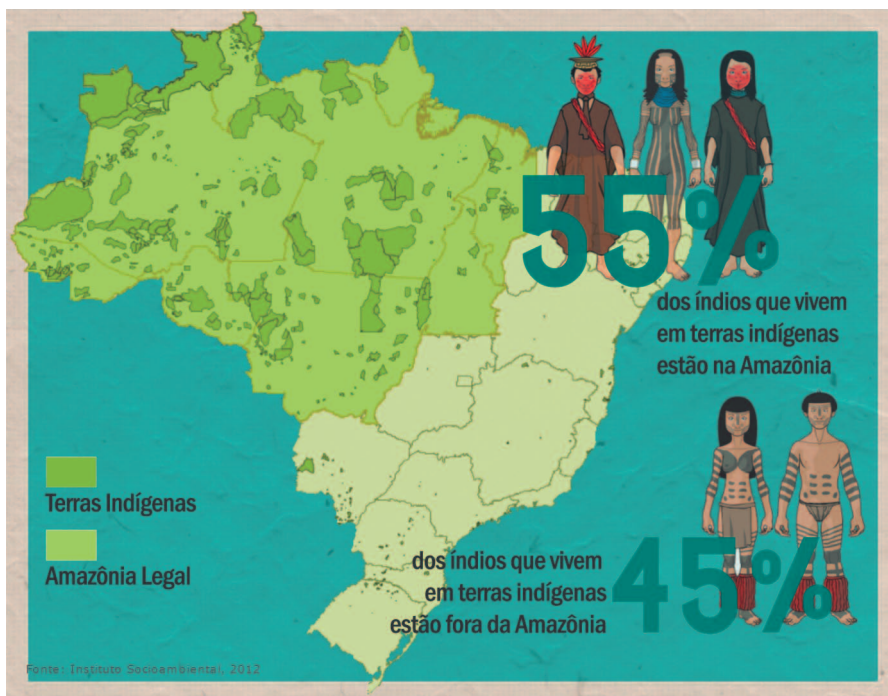
Assim, as áreas mais afastadas, no interior do país, como a Amazônia Legal, foram as últimas a serem ocupadas, e é por isso que hoje em dia as Terras Indígenas lá são maiores.

EXISTEM ÍNDIOS FORA DA AMAZÔNIA LEGAL?

Os **45%** restantes da população indígena vive em áreas fora da Amazônia Legal.

Esses grupos vivem “apertados” em terras muito menores que as terras indígenas localizadas na Amazônia. Na maioria das vezes, essas terras não são suficientes para manter suas formas tradicionais de vida e é assim que surgem problemas sérios, como a desnutrição e a miséria, gerados pela falta de alimentos: não há mais caça, nem peixes, nem lugares para fazer roça.

Há ainda muitos povos que não têm onde viver, pois foram expulsos de suas terras por não indígenas. Alguns se instalam tempora-



ÁREA DA PRESENÇA GUARANI



riamente em acampamentos, existentes em vários estados do país, onde vivem em péssimas condições, enquanto lutam pela recuperação de suas terras.

É o caso dos Guaraní Kaiowá, que vivem no Mato Grosso do Sul. Muitas comunidades desse povo vivem hoje acampadas às margens de rodovias, aguardando a demarcação de suas terras!

© Marcello Casal Jr./Agência Brasil



Laranjeira Nãnderu é uma das comunidades guarani-kaiowá em luta pela recuperação de suas terras. Após passarem anos vivendo às margens da BR-163, em Rio Brillhante (MS), eles retomaram sua área, mas ainda esperam pela demarcação. O cacique Farid Mariano (à esquerda), explica: *“Vivemos na miséria porque não tem mais floresta, nem bicho pra gente caçar. Só tem fazenda com soja e pasto. Podem nos oferecer o que for, o que queremos é permanecer onde nossos antepassados morreram. E vamos permanecer. Para o índio, conforto é ter nossa terra”*.

QUEM INVADE AS TERRAS INDÍGENAS?

As terras indígenas são invadidas por garimpeiros, pescadores, caçadores, posseiros, fazendeiros, empresas madeireiras... Outras terras são cortadas por estradas, ferrovias, linhas de transmissão de energia ou têm partes inundadas por usinas hidrelétricas.

Além disso, é bastante comum os índios sofrerem os efeitos daquilo que acontece fora de suas terras, nas regiões que as cercam: poluição de rios, desmatamentos, queimadas etc.

Frente a todas essas ameaças, os povos indígenas sabem a importância de ter uma terra demarcada para viver, com fronteiras que impeçam a entrada de invasores.

MODOS DE OCUPAR O TERRITÓRIO

Quando os europeus chegaram aqui, há mais de 500 anos, os povos indígenas estavam espalhados por toda a região que veio a se chamar Brasil e já ocupavam esse território há pelo menos **12 mil anos**.

Cada povo tinha formas muito diferentes de ocupar e dividir o território, de conhecer a geografia e de utilizar e cuidar do meio ambiente.

Antes do contato, os povos indígenas não estabeleciam limites territoriais fixos. Eles andavam muito. Faziam longas viagens para procurar recursos naturais em locais distantes de suas aldeias – passavam longos períodos caçando e pescando, viajavam para buscar remédios e coletar frutas e mel, entre outras atividades.

Um dos grandes desafios enfrentados pelos povos indígenas a partir do contato com os não indígenas foi a diminuição da área de seus territórios, o que impedia a ocupação do espaço segundo seus modos de vida e tradições.

Tudo isso aconteceu ao longo dos séculos. Primeiro houve a ocupação do litoral e, aos poucos, o interior do Brasil também foi sendo conquistado. Nesse processo, para garantirem seu espaço, os índios adotaram diferentes estratégias: alguns entraram em guerra com os conquistadores, outros mudaram de território, caminhando em direção ao interior. Muitas vezes esses movimentos de fuga para o interior re-

sultavam em guerras, pois quando um povo chegava em um novo território tinha que disputá-lo com outro grupo indígena que já vivia ali.

O QUE MUDOU NA VIDA DOS POVOS COM A RESTRIÇÃO DE SEUS TERRITÓRIOS?

Um dos problemas gerados foi a concentração de aldeias em torno dos postos de apoio instalados pela Funai. As pessoas foram morar perto desses locais, pois ali tinham acesso à assistência médica, à educação, entre outras coisas. Em muitas terras indígenas, a população se concentrou em uma única área e assim se tornou sedentária – isto é, deixou de se deslocar pelo território.

Aos poucos, o número pessoas foi crescendo e o aumento de atividades de caça, pesca, coleta e plantio nos arredores das aldeias contribuiu para a diminuição das espécies animais e vegetais, tão importantes para os modos de vida indígenas.

Preocupadas com tais mudanças, algumas comunidades indígenas começaram a desenvolver projetos de uso sustentável dos recursos mais usados e em risco de desaparecimento.

Leia o texto de Korotowĩ Ikpeng, publicado no livro *Ecologia, Economia e Cultura* (2005), que fala de um jeito de pescar que faz uso do timbó. O timbó é um cipó que tem uma substância venenosa para os peixes. Bater timbó é um tipo de pescaria muito comum entre diversas populações indígenas.

O manejo dos peixes

O meu povo tem seu manejo com os peixes da lagoa. Bate timbó nesse ano na lagoa e espera um ou dois anos para bater outra vez. Assim sempre tem peixe na lagoa onde batemos timbó.

Meu povo diz que se bater timbó todos os anos na mesma lagoa pode acabar com o peixe e pode nascer capim na lagoa. Então os jovens têm essa orientação sobre o cuidado com os peixes.

Manejo de tartarugas

No Brasil, os Ashaninka vivem na região do alto Juruá, no Acre, e somam cerca de 1.300 pessoas. Há também muitos Ashaninka vivendo no Peru: cerca de 100.000 mil!

A preocupação dos Ashaninka com o ambiente é grande. Após os danos causados pela exploração madeireira, pelas pescarias e caçadas predatórias realizadas por não indígenas, eles decidiram realizar um plano de manejo dos tracajás, um tipo de tartaruga que quase desapareceu da região.

Proibiram a coleta de ovos e o consumo da carne do animal durante um período de três anos. A população de tartarugas, que estava em extinção no rio Amônia, aumentou novamente. Desde 2003, os Ashaninka promovem uma festa anual no dia da soltura de centenas de tartarugas que voltam aos rios da região.

ASHANINKA

A maioria dos Ashaninka vive no Peru, onde somam quase 100 mil pessoas. No Brasil, há 1.291 Ashaninka que vivem em sete Terras Indígenas, todas na região do alto Juruá, no Acre. Eles falam uma língua da família Aruak e seus trajes tradicionais se chamam *kushma*.



VIVENDO NO CERRADO

Os Xavante habitam a Zona Central do Cerrado brasileiro, em uma região que combina vegetação de cerrado e mata de galeria. Mata de galeria são matas que ficam na beira dos rios, protegendo-os.

O Cerrado é uma região marcada por duas estações: a época da seca chamada de inverno e a época das chuvas que é chamada de verão.

A dieta básica tradicional dos Xavante consiste de produtos coletados principalmente pelas mulheres: raízes silvestres, castanhas, frutos e outros vegetais típicos da região. A coleta é complementada por itens fornecidos pelos homens: carnes de caça e um pouco de peixe.

Até o início de 1960, os Xavante obtinham esses alimentos em excursões de caça e coleta: faziam longas viagens, que chegavam a durar alguns meses, e nelas, os grupos familiares iam em busca dos recursos naturais da região. Se na estação seca eles ainda estavam em viagem pelo Cerrado reuniam-se em suas grandes aldeias, para realizar as festas, e passavam um tempo juntos antes de voltar às suas expedições de caça e coleta.

Hoje, essa forma de viver viajando pelo Cerrado praticamente desapareceu. Houve grande diminuição das terras disponíveis para os indígenas e, portanto, redução da caça existente. Mesmo assim, os Xavante ainda fazem viagens de caça ou pesca, bem mais curtas, por uma ou duas noites.

As carnes dos animais de caça e os peixes eram as principais fontes de proteína para a população Xavante e hoje quase não existem mais. Nas terras Xavante que são pequenas, eles não conseguem mais caçar nada. Sem a proteína, o organismo fica fraco e muitas doenças se instalam.

Além disso, a carne era importante em grandes festas, como os casamentos, quando ela é necessária em grandes quantidades para alimentar toda a comunidade. A falta da caça prejudica, portanto, não só a nutrição desse povo mas também a realização de seus rituais.

Cerrado

O Cerrado brasileiro é extremamente grande: sua área central tem, aproximadamente, 1,5 milhão de km². No Cerrado, há vários tipos de vegetação: existem campos abertos, campos de gramíneas (tipos de capim) com arbustos e pequenas árvores retorcidas e também florestas mais fechadas, chamadas de cerradões. Durante o verão, as chuvas mantêm a paisagem verde; já no inverno, o capim seca e as árvores trocam de folhagem. É esse acúmulo de folhas secas, gravetos e galhos que cria condições para que aconteçam queimadas.

Muitas árvores do Cerrado florescem entre os meses mais secos, de maio a setembro, pois ainda que haja pouca água aparente, as árvores absorvem a água do lençol freático subterrâneo, que fica debaixo do solo. O ipê-amarelo é uma espécie que representa bem essa situação.

Mesmo sem serem todas conhecidas e catalogadas, sabe-se que a flora – conjunto de todas as plantas – do Cerrado é riquíssima, chegando a mais de 6 mil espécies. As mais comuns são as plantas do grupo do feijão e do amendoim. O conhecimento sobre os animais também não é completo, sabe-se um pouco sobre quais são mas quase nada sobre como vivem. Alguns insetos, como os cupins, formigas e abelhas, são muito importantes tanto por sua quantidade e diversidade, quanto pela relação que eles estabelecem com outras formas de vida. As abelhas, por exemplo, têm um papel importante na formação dos frutos e sementes. Outros animais muito encontrados na região são a jiboia, o uruburei, a ema, o tucano, o gavião, o tamanduá-bandeira, o lobo-guará, o tatu e o veado campeiro.

VIVENDO NA MATA ATLÂNTICA

Os Guarani Mbyá são antigos habitantes da Mata Atlântica no litoral sul e sudeste do Brasil. A Mata Atlântica é um ecossistema muito importante para o seu modo de vida. Da preservação da biodiversidade da floresta dependem a manutenção e o desenvolvimento de sua cultura.

Dentre as espécies animais, temos a onça parda, a onça pintada, o gato do mato, a anta, o veado e o cateto.

Os Guarani Mbyá são grandes conhecedores do ambiente em que vivem. Cada tipo de formação vegetal e unidade de relevo foi por eles nomeado. Alguns exemplos desses nomes são:

- **Yvy yvate** é como são chamados morros e serras;
- **Ka'agüy poru ey** são matas intocadas, lugares que os homens nunca mexeram e nem devem mexer, pois são lugares sagrados;
- **Ka'agüy karape'i** são as matas de capoeira, regiões de matas baixas, boas para roça e para fazer a casa;
- **Kapi'i** são as formações vegetais onde se encontram espécies boas para cobertura de casa, como o sapé.

Dar nome a algo é uma maneira de classificar, conhecer e de se relacionar com um certo elemento.

No caso dos Guarani, isso mostra como é forte sua relação com o ambiente em que vivem: uma relação de troca e conhecimento. Os Guarani sabem onde encontrar em seu território os recursos necessários para sua vida.

A coleta das diversas espécies vegetais é um exemplo desta relação. Conhecem as plantas que devem ser usadas para a cura de doenças, para a alimentação, construção de casa e produção de artesanato. Os telhados de suas casas são tradicionalmente construídos de pindó, uma palmeira típica das regiões que habitam. Para preservar as espécies que utilizam na alimentação não caçam animais nos períodos de reprodução (quando estes têm filhotes) e fazem o plantio de espécies consideradas importantes, como o milho, o amendoim, as mandiocas, a batata-doce e o tabaco.

Mata Atlântica

A Mata Atlântica é uma das regiões mais ameaçadas do planeta, pois há muito tempo foi ocupada pelo homem, que a explorou de forma predatória, isto é, destrutiva.

Ela estende-se por 17 estados brasileiros, vai do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul. É onde estão as grandes cidades brasileiras, nas quais se concentra a maior parte da nossa população.

Ainda assim, essa floresta mantém grande biodiversidade. Até o século XVI – de 1501 a 1600 –, a Mata Atlântica ocupava cerca de 15% do território do Brasil, mas hoje, após tantos anos de exploração, só restam 7% de sua extensão inicial.

É importante lembrar que a Mata Atlântica é formada por vários ecossistemas, como mangues, restingas (vegetação de praia) e florestas mais ou menos úmidas.

Algumas das espécies vegetais mais conhecidas são: o pinheiro-do-paraná, o palmito juçara, o jequitibá, a erva-mate e um grande número de bromélias e orquídeas, além, é claro, do pau-brasil. Estima-se que haja até 20 mil espécies de plantas!

© Adriana Felipim/CTI



Guarani Mbyá na aldeia Sete Barras, Terra Indígena Peguaoty, Sete Barras, SP

Os Guarani escolhem o lugar em que vão construir sua aldeia com muito cuidado, pois este ambiente deve proporcionar a eles os produtos necessários para a manutenção de seus modos de vida. Além das questões ambientais, questões religiosas e sociais também são importantes nesta escolha, pois o local deve permitir ao grupo uma vida de acordo com seus costumes e regras tradicionais.

As trocas de sementes são importantes para este povo, porque impedem que várias espécies vegetais importantes para a sua alimentação desapareçam. Os Guarani costumam visitar as aldeias de seus parentes e aproveitam para trocar sementes e mudas de milho e amendoim.

Ao mesmo tempo, essas trocas incentivam os habitantes das diferentes aldeias a se relacionarem, promovendo casamentos e festas.

Infelizmente o ambiente dos Guarani não está livre de destruição. Mesmo respeitando o tempo de reprodução de cada espécie para não acabar com os recursos que necessitam para viver, estes estão cada vez mais difíceis de encontrar. Isso é resultado da ocupação e do desmatamento que ocorrem ao redor das aldeias. A preservação da Mata Atlântica, para o modo de vida dos Guarani, é importantíssima porque os impactos ambientais sobre a floresta trazem consequências graves, prejudicando a maneira de viver desse povo.

Não deixe de ler o texto abaixo, escrito pela comunidade guarani de Morro dos Cavalos para reivindicar a demarcação de suas terras.

“Tudo era livre e hoje está tudo sendo proibido para nós. Para fazer roça, como antigamente, nós já não podemos. Mas pelo menos esse pedaço de terra que estamos querendo demarcar tem que ser reconhecido, porque se tirarem de nós até esse pedacinho, não teremos mais nada. (...) Queremos a garantia da terra para viver nossa cultura com liberdade, cultivar nossa cultura, ensinar nossos filhos e nossos netos. Porque hoje em dia, com a falta de uma terra verdadeira para nós, não podemos viver nossa vida e nossa cultura (*nhande reko*) completamente”.

(Relatório de Identificação, 2002)

VIVENDO NA AMAZÔNIA

A região do Noroeste Amazônico, próximo à fronteira com a Colômbia, tem o formato da cabeça de um cachorro. Ela é habitada há pelo menos dois mil anos por 20 povos que falam idiomas pertencentes a três famílias linguísticas: Aruak, Maku e Tukano. Eles somam mais de 26 mil pessoas, em 538 povoados. Mesmo falando línguas diferentes, os povos que habitam a região compõem uma mesma área cultural.

Os povos de línguas Tukano e Aruak vivem principalmente nas margens dos grandes e pequenos rios e são ótimos pescadores, além de agricultores. A canoa é seu principal meio de transporte.

Para os povos Tukano, o rio é a principal referência espacial, via de deslocamento e comunicação regional. Já os povos Maku vivem em áreas mais interiores, próximas aos pequenos rios, conhecidos como igarapés. Eles costumam andar muito pelo seu território e por isso conhecem como ninguém a floresta e seus caminhos, explorando seus recursos, como frutos silvestres e insetos. Além disso, são ótimos caçadores.

Há muito tempo, os povos de línguas Tukano e os Maku mantêm entre si relações de troca. Os Tukano oferecem aos Maku aquilo que cultivam: farinha, beiju, tapioca e outros alimentos preparados a partir da mandioca cultivada. Já os Maku oferecem aos Tukano, que chamam de “índios do rio”, caça moqueada (que é uma técnica de defumar a carne) ou frutas coletadas no mato. Os Maku também costumam trabalhar para eles em troca de outros produtos, como fósforo, fumo, roupa, rede.

As trocas de produtos realizadas por esses grupos dependem dos ciclos de reprodução das plantas e das espécies de peixes e animais que existam em quantidade em cada estação.

Para os índios do Rio Uaupés é muito importante que esses ciclos de reprodução sejam respeitados. Seus rituais ajudam a manter o equilíbrio da natureza, pois contribuem para que as plantas e os animais continuem existindo e se reproduzindo, para que as estações do ano aconteçam normalmente e para que a natureza continue dando frutos e outros recursos para os seres humanos.

O modo de cultivar praticado pelos povos do Rio Uaupés é bem diferente do da agricultura moderna. Enquanto esta escolhe produzir apenas uma espécie de planta, o que acaba tornando o solo pobre de nutrientes e ocasiona excesso de um produto e escassez de outros, as

Amazônia

A Amazônia ocupa quase 50% do território nacional. A maior parte da formação florestal da Amazônia é de terras baixas: florestas úmidas, nas quais não falta umidade durante o ano e florestas estacionais, nas quais falta umidade em um período do ano. A posição geográfica ao longo do Equador oferece muita luz e calor do Sol e também uma massa de ar úmido, o que garante à região um clima úmido e quente, com altas temperaturas e chuvas concentradas.

A Amazônia abriga a maior rede de rios e cursos d'água do planeta, representando cerca de 1/5 do volume de água doce do mundo.

Região com maior biodiversidade, no mundo, abriga árvores de médio e grande porte, algumas podendo chegar a até 50 metros de altura, grande quantidade de cipós, bromélias e orquídeas e uma das maiores plantas aquáticas do mundo, a vitória régia.

Outras espécies comuns na Amazônia são o guaraná, o jenipapo e o urucum. Do jenipapo extrai-se uma tinta preta e do urucum, vermelha. Ambos são usados pelos povos indígenas para pintar o corpo. A Amazônia também é conhecida por sua grande diversidade de peixes, dentre eles o pirarucu, um dos maiores peixes de água doce do mundo. Ele pode atingir 3 metros de comprimento e pesar até 200 quilos. Muitos outros animais fazem parte da fauna amazônica, como o bicho-preguiça, o tatu, a onça pintada, o tamanduá, a arara, além, é claro, de muitos tipos de macacos, como o bugio e o sagui.

roças indígenas produzem vários tipos de espécies: diferentes tipos de milho, de mandioca, de batata, de amendoim, de banana etc.

A diversidade das espécies numa mesma região tem um valor muito grande para esses povos. Essa diversidade faz parte de seus mitos, ou seja, das histórias antigas que contam como cada grupo começou a desenvolver o cultivo das plantas.

As áreas de campinarana, um tipo de vegetação, são fontes de palhas, como o caranã e a sororoca, dentre outras matérias-primas usadas na cobertura das casas.

Já as capoeiras são o *habitat* preferido de pequenos animais apreciados pelos índios, como as cutias, e são ricas em plantas medicinais. Essas áreas também são valorizadas porque nelas existem espécies cultivadas que dão frutos por muitos anos, como a pupunha, o buriti e o caju.

Os igapós, que são lugares inundados por um rio e que às vezes ficam assim, inundados, por algum tempo, também são importantes. Nesses locais, os peixes desovam e por isso são bem preservados pelos índios. Áreas de igapós são também ricas em cipós e seringa.

Os conhecimentos e as técnicas utilizados pelas populações indígenas foram desenvolvidos ao longo de séculos de ocupação e experiência nessa região. Esse acúmulo de conhecimento é muito importante para criar formas de lidar com os ambientes, sem degradá-los e empobrecê-los. É por isso que os indígenas conseguem manter o equilíbrio ecológico nos ambientes em que vivem.

© Nigel Smith



Transporte de caranã, usado na cobertura de casas, pelo rio Tiquie, AM.

VIVENDO NA CIDADE

Os Pankararu são um povo originário do estado de Pernambuco, na região nordeste. Porém, a partir de 1940, alguns de seus membros foram trabalhar na cidade de São Paulo, buscando ganhar dinheiro para completar o orçamento de casa. No começo, iam apenas os homens. Eles trabalhavam um pouco na cidade e logo retornavam à aldeia. Mas, com o passar do tempo, isso mudou: as mulheres passaram a migrar e núcleos familiares começaram a se formar. Como tinham pouco dinheiro para viver nos bairros da cidade, os grupos se estabeleceram na periferia, concentrando-se na favela do Real Parque.

A concentração em um mesmo local foi importante para eles, porque, com essa proximidade entre os diferentes grupos de Pankararu que chegavam e se estabeleciam com suas famílias, esse povo conseguiu criar fortes relações de solidariedade. Assim, apesar de viverem em um ambiente completamente diferente do ambiente de seu território de origem, sua identidade permanece. O ritual do *Toré*, por exemplo, é realizado toda semana na favela do Real Parque, sob o comando de um pajé.

© Milton Gurani/Agil



Além do *Toré*, os Pankararu tradicionalmente realizam outros rituais, como esse, do Menino do Rancho. Nessa foto, feita em Pernambuco, na Terra Indígena Pankararu, aparecem o menino e seus padrinhos.

Os espíritos dos ecossistemas

Na ciência da sociedade Ikpeng, todos os seres têm vida. A pedra é um ser que aparentemente não tem vida, mas na verdade é viva. Se não tivesse vida a pedra não existiria e não atrairia muitos peixes que ficam ao seu redor. Na nossa sociedade tem regra para quem tem filho pequeno, a pessoa não pode subir em cima da pedra, porque ela é uma casa dos espíritos dos peixes e de outros seres. A pedra pode ser muito perigosa, porque o espírito dela pode pegar a criança para ela.

A praia também tem vida, tem seu espírito muito forte, por isso ela não desaparece e nada de um lugar para outro. Ela é traiçoeira, ela atrai vários espíritos. A natureza tem vários tipos de ecossistemas porque existe vida e espíritos diferentes em cada local. Por isso cada ecossistema tem a cor de terra diferente, os tipos de mato são diferentes, assim como entre os seres humanos existem pessoas gordas, altas, magras, baixas, cada um com sua vida e espírito. Nós Ikpeng temos classificação para alguns espíritos dos ecossistemas:

A mata alta tem sua dona que se chama *Enoy*, ela é mulher, só que ela não tem a parte genital. É uma caçadora armada com sua flecha. É ela quem cuida deste tipo de mata.

A mata meio alta tem seus espíritos que se chamam *Miyegu* e *Wiwoningkin* e um tipo de tatu canastra que fica dentro da terra. Agora os *Wiwoningkin* são iguais aos seres humanos, por isso você não pode sair sozinho para caçar, é perigoso, precisa ter muito cuidado.

Kanarot é um espírito do mato alto e baixo e fica mais no lugar onde existe tucum, ele é igual gente, só que é coberto com vários tipos de folhas.

Otomowira é um espírito de mato alto e baixo, só que ele é semelhante a um esqueleto de dinossauro. Por causa dele você não pode assobiar quando for caçar.

Apariko é o espírito do mato baixo, ele é parecido com o calango. (texto de Korotowi, Maiua e Iokore Ikpeng)

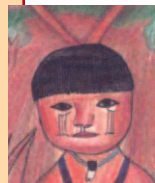


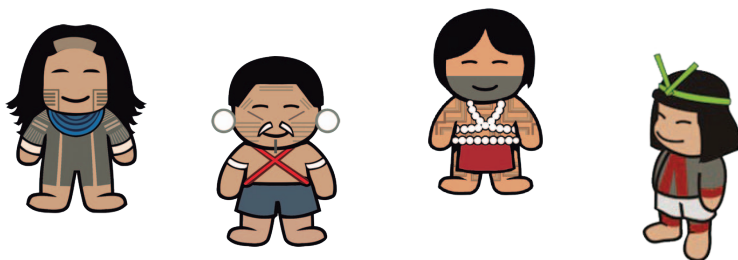
ilustração: © Napikü Ikpeng

Lagoa da aldeia Aíha do povo Kalapalo, no Parque Indígena do Xingu (MT). Foto: © Beto Ricardo/ISA



COMO VIVEM





Os povos indígenas que vivem no Brasil apresentam semelhanças, mas também são muito diferentes entre si.

Suas festas, jogos e brincadeiras, suas formas de ensinar e aprender, tudo isso pode variar muito. Existem diferentes mitos, rituais, pinturas, objetos, músicas e cantos!

Além disso, os povos indígenas constroem casas de diversos jeitos e moram em regiões com paisagens muito diferentes. A alimentação de cada grupo também varia muito, alguns grupos só comem peixe, outros caçam vários tipos de animais, outros ainda criam gado e galinhas para comer.

Descubra nesse capítulo como vivem os índios!



© Paula Mendonça/ISA

Mulheres Yudja fazem a dança tradicional para a colheita de mandioca. Aldeia Tuba Tuba, Parque Indígena do Xingu (MT).

ALIMENTAÇÃO

Os povos indígenas dedicam grande parte do seu tempo a atividades relacionadas à alimentação. Isso porque é preciso obter ou produzir os alimentos: criar animais, realizar expedições de caça e de pesca; coletar frutos no mato; preparar a roça e colher seus produtos.

Também é preciso construir as ferramentas e os utensílios como armadilhas, canoas, cestos, arcos e flechas, zarabatanas, entre outros, necessários para realizar as tarefas.

Para realizar cada uma das atividades, as pessoas devem conhecer muito bem a região onde vivem: quais são as épocas de chuva e de seca; como é o comportamento de cada animal; qual é a época em que os frutos amadurecem; qual é o melhor período para preparar, plantar e colher os produtos da roça etc.

ATIVIDADES DA ROÇA

Entre as diferentes populações indígenas, a roça é uma atividade praticada por homens e mulheres. Mas as atividades que realizam não são as mesmas.



Roça da Dona Amélia (Tuyuka), Comunidade São Pedro, Alto Tiquié (AM).

© Cláudia Franco



Mulher nambikwara retornando da roça, Terra Indígena Sararé, (MT).

Preparar o terreno para a roça é tarefa dos homens. Primeiro, eles derrubam um trecho de mato. Depois de um tempo, quando o mato derrubado seca, colocam fogo para limpar a área e as cinzas são usadas como adubo. Em seguida, fazem uma limpeza na roça, tirando os galhos e restos de árvores.

As outras atividades da roça são realizadas pelas mulheres. Quando caem as primeiras chuvas, elas plantam espécies como milho, feijão, mandioca, batata, amendoim, cará etc. Depois mantêm a roça limpa, retirando as ervas daninhas, que prejudicam o desenvolvimento da plantaço.

Quando os alimentos cultivados estão maduros, as mulheres fazem a colheita e os carregam em cestos de palha até as aldeias.

Descubra como fazem os Tuyuka, que vivem no norte da Amazônia, próximo aos rios Negro e Uaupés.

Utensílios domésticos tuyuka

Os produtos colhidos nas roças são transportados para casa em aturás, cestos de cipó que as pessoas levam às costas suspensos por uma alça passada à volta da cabeça.

Os Tuyuka não fazem os cestos cargueiros que usam. Eles são fabricados pelo povo Hupda, que os entregam aos Tuyuka em troca de outros produtos de sua necessidade, como sal, panelas de alumínio, roupas, farinha e mandioca.

No Alto Rio Negro vivem pelo menos 20 povos indígenas diferentes. Os Tuyuka são um deles. Alguns povos são seus vizinhos: o povo Tukano ou Yepemasã, o povo Bará, o Barasana, o Hupda, o Desana... Outros vivem em rios mais distantes, como os Baniwa.

Os Hupda são especialistas na fabricação de cestos. Os Tuyuka, especialistas em canoas. Já os Desana são fabricantes de balaies de arumã usados para servir beiju. Os Baniwa são

os únicos fabricantes de raladores de mandioca.

Existe na região um grande sistema de trocas, o que garante que os raladores baniwa cheguem a todas as outras etnias; assim como os aturás hupda, as canoas tuyuka e assim por diante. (Esse texto foi elaborado pelas comunidades tuyuka de Pari Acima, no Alto Rio Tiquié.)

© Nigel Smith



Tuyuka na roça trazendo na cabeça seu aturá, cesto para transportar alimentos.

ATIVIDADES DE CAÇA

A caça é uma atividade masculina realizada individual ou coletivamente e pode ser feita nas proximidades da aldeia ou em lugares mais distantes. Nestas ocasiões, os homens passam dias acampados no mato.

As armadilhas, arcos, flechas e tudo o que é importante para garantir uma boa caçada é construído pelos homens no dia a dia.

Para ter sucesso e voltar para casa com muita comida, é importante conhecer os hábitos dos animais: se são noturnos ou diurnos; o que gostam de comer; se andam sozinhos ou em bando; como são os rastros que deixam no chão; onde costumam se esconder; que cheiros têm... Dessa

forma, fica mais fácil encontrá-los, preparar a caçada e fazer armadilhas. Os cães também podem ajudar a localizar os animais no mato.

fotos: © Eduardo Viveiros de Castro



Araweté fazendo flechas.



Araweté preparando a caça.

ATIVIDADES DE PESCA

O peixe é um alimento importante para muitas populações indígenas que conhecem e usam diferentes técnicas de pesca. As técnicas mais utilizadas pelos diferentes povos são: uso do timbó (um tipo de cipó) e outras plantas venenosas; a pescaria com anzol e linha; uso de armadilhas, flechas...

Em algumas comunidades apenas os homens saem para pescar e muitas vezes ficam dias acampados perto de rios e lagoas. A pescaria também pode ser feita pelas mulheres, ou ser realizada em família, e assim esse trabalho vira uma grande diversão!

Você sabe o que é bater timbó?

Bater timbó é um tipo de pescaria muito comum entre diversas populações indígenas. É uma atividade que geralmente precisa de muita gente, tanto para o seu preparo, quanto para a coleta dos peixes.

O timbó é um cipó. Ele é cortado em pedaços, que são colocados na água. Com a ajuda de uma madeira, eles são fortemente batidos, até que fiquem em fiapos. Neste momento, o cipó já triturado é sacudido com força embaixo d'água, onde libera uma substância branco-azulada que parece flocos de sabão.

Essa substância do timbó é venenosa para os peixes que, quando não morrem de imediato, ficam atordoados e são facilmente flechados ou pegos.

Finalmente os peixes são empilhados aos montes e levados à aldeia, garantindo uma grande refeição!



© Rosana Gasparini/ISA

A PESCA ENTRE OS ENAWENÊ-NAWÊ

Os Enawenê-nawê, que vivem no Mato Grosso, não comem carne de caça e raramente comem aves. Alimentam-se de produtos da roça, como mandioca e milho, e de peixe. Para eles, os peixes são muito importantes, pois são fundamentais para a realização de suas festas e são usados como objetos de troca.

Conhecem bem os processos de reprodução dos peixes e sua migração pelos rios. É a partir destes conhecimentos que os homens organizam grandes pescarias coletivas, especialmente nos meses de fevereiro e março quando o ritual *Yăkwa* é realizado.

Para pescar todos os peixes necessários para a realização do ritual, constroem barragens no rio que impedem a passagem dos peixes e, além disso, fabricam armadilhas. É dessa forma que conseguem pegar muitos peixes, que são levados para a aldeia e que logo servirão de alimento para toda comunidade durante alguns meses. Os Enawenê-nawê defumam os peixes para que não estraguem ao longo do tempo e assim garantem muitas refeições.

Além da pesca para o ritual *Yăkwa*, os Enawenê-nawê realizam pescarias familiares, utilizando outras técnicas, como a pesca com timbó, uso de anzóis e pequenas armadilhas colocadas nos riachos.



© Vincent Carelli/Video nas Aldeias



fotos: © Vincent Carelli/Vídeo nas Aldeias



Os Enawanê conhecem muito bem os peixes, os caminhos que eles percorrem nos rios e como eles se reproduzem. Esses saberes são aplicados na organização das pescarias e circulam entre várias gerações. Tudo começa entre fevereiro e março, quando os homens adultos formam grupos e se instalam em um acampamento de pesca por dois meses. Ali as crianças aprendem com os mais velhos como é ficar longe da aldeia por tanto tempo, como é o cotidiano da pescaria, e, claro, divertem-se brincando na companhia dos outros meninos pequenos!



mãos na massa!

Agora você vai conhecer um pouco sobre as comidas e como elas são preparadas por diferentes povos.

O Parque Indígena do Xingu, que fica no estado de Mato Grosso, é uma região que abriga diversas populações indígenas, que possuem diferentes línguas e características sociais e culturais.

Essa diversidade também está presente na culinária desses povos. Você consegue imaginar a variedade de alimentos e as várias maneiras de prepará-los que cada uma dessas comunidades conhece?

Conheça algumas receitas do **povo indígena Kaiabi**, que vive no Parque Indígena do Xingu!

Kanape ou pão de mandioca com amendoim dos Kaiabi

Primeiro a mulher precisa tirar mandioca na roça. Quando traz para casa, deixa esta mandioca na água. Quando amolecer, tira da água e descasca. Depois deixa no sol para secar a massa. Assim que secar a massa de mandioca é preciso socá-la no pilão. Depois de socada e peneirada, é preciso socar a massa com amendoim. Então mistura a massa de mandioca com amendoim, depois molha um pouco e faz uma bola.

Depois precisa acender o fogo, esperar ter brasas para botar o pão em cima da brasa. Assim que torrar um pouquinho, já pode comer. (Receita de Moreajup Kaiabi)



© Moreajup Kaiabi

Mutap

Primeiro o homem vai pescar. Ele traz os peixes e a mulher trata, tira a barriga e as escamas. Depois coloca o peixe na panela e põe pra cozinhar com água, sal e pimenta. Acende o fogo e espera cozinhar, cerca de 40 minutos. Quando o peixe amolecer a mulher põe farinha de *mutap* e mexe com reminho ou cuia. Assim que ficar pronto, pode tomar junto com o mingau de milho com amendoim e arroz.

Nós Kaiabi também usamos outros ingredientes no *mutap*: folha de taioba, folha de mandioca e macaxeira. Com esses ingredientes o *mutap* também fica gostoso.

(Receita de Awatat Kaiabi)

© Awatat Kaiabi



© André Ricardo/JSA



Kaiabi preparando o *mutap*.

A ALIMENTAÇÃO NA RECLUSÃO

Quando um menino ou uma menina estão deixando a fase da infância, eles devem começar a aprender com seus familiares todas as atividades que deverão desenvolver quando forem adultos e tiverem a sua própria família. É comum em muitas populações indígenas que os meninos e as meninas fiquem afastados de todo mundo (menos de seus familiares mais próximos) por um tempo. É isso o que chamamos de reclusão ou resguardo. Neste período de reclusão eles devem obedecer a algumas regras do povo indígena do qual fazem parte.

O texto ao lado, de Yapariwa Yudja, foi retirado do livro *Saúde, Nutrição e Cultura no Xingu* (2004), e conta como é esta fase entre os Yudja, que vivem no Parque Indígena do Xingu.

© Simone Athayde/ISA



Torrando a massa de mandioca já espremida no tipiti.

A moça yudja na reclusão

No início da reclusão uma pessoa não pode comer o que não deve, ou seja, as frutas que amadurecem mais cedo, como banana, mamão, melancia e frutas do mato (api, ingá e outras). A moça não deve mexer com o fogo ou preparar alimentos. Neste momento só a mãe ou as irmãs mais velhas vão cuidar dela, não pode ter contato com qualquer pessoa, somente com a família.

A reclusão da mulher começa logo após a primeira menstruação. O homem jovem também fica recluso. Durante a vida na reclusão, a pessoa come os seguintes alimentos: peixe cozido e assado sem sal, mingau de mandioca, beiju de polvilho e farinha fina.

A reclusão tem seu significado. Se é menina, a mãe, as irmãs ou a avó podem ensinar para ela como e faz rede, a tecelagem de vários desenhos, pintura no corpo e nos objetos. O menino é a mesma coisa. O pai tem que ensinar seu filho a fazer flecha, arco, peneira, borduna, remo e outras coisas que são necessárias aprender.

Durante esse tempo que a menina fica reclusa o pai e a mãe dão ervas para ela. Algumas ervas precisa beber e vomitar para fazer a limpeza dentro do corpo. Outra erva serve para tomar banho com ela. Isso no caso da menina. Se for menino, muito mais ele precisa usar: para vomitar, tomar banho, pingar nos olhos e algumas que podem ser esfregadas no corpo.

Durante esse tempo a pessoa muda de vida, passa do tempo de criança para o tempo de adulto.



Yapiwa Yudja

Entre os Wajãpi, povo que vive no Amapá, no Pará e na Guiana Francesa, a alimentação durante o resguardo da moça é bem diferente. Descubra aqui o que elas podem comer e o que elas devem evitar quando estão na reclusão.

O texto abaixo, escrito pelos pesquisadores e professores bilíngues wajãpi, foi retirado do caderno de textos dos pesquisadores e professores bilíngues wajãpi *Jane Reko Mokasia – Fortalecendo a Organização Social Wajãpi* (2008).

O resguardo da moça wajãpi

Temos um jeito de resguardar a moça quando ela menstrua pela primeira vez e na segunda vez também. As regras são: não comer qualquer alimento, não pode conversar com as pessoas, não andar embaixo do sol, não tomar chuva, não pisar em cima da terra, não pode pensar em qualquer coisa, não dormir muito, não tomar banho no rio.

Todas essas regras são respeitadas, a moça não pode quebrar. Quando a moça quebra as regras, pode causar vários problemas: morte, ficar sempre doente e outras coisas que podem acontecer. Por isso o avô, a avó e a mãe dela tem que conversar, alertar, aconselhá-la sobre essas coisas perigosas.

Quando a moça está menstruada pela primeira vez, fica de resguardo. Por isso não pode comer qualquer comida como carne de queixada, de caititu, batata, cará etc. Se a moça come qualquer carne, depois vão aparecer coisas no corpo dela como, por exemplo, um tipo de bolinha. Quando a moça está de resguardo são seu pai e sua mãe que selecionam as comidas certas. Ela pode comer beiju, nambu e alguns peixes, como traíra. Se a moça comer qualquer comida, aí ela vai sonhar com coisas feias e vai ficar velha rapidamente.

O QUE COMEM OS TUYUKA?

O Tuyuka, um povo que vive na região do Alto Rio Negro, gostam muito de comer peixe e caça. Mas os produtos cultivados nas roças – como a mandioca e as pimentas também são muito importantes. No texto abaixo, das comunidades de Pari Acima, no Alto Rio Tiquié, você conhecerá outros alimentos populares entre os Tuyuka!

Alimentação diferente

Alguns alimentos que os povos indígenas consomem parecem estranhos para os moradores das cidades mas, além de saborosos, são muito nutritivos e têm fartura na floresta. Podemos citar as larvas de borboletas (lagartas e mochivas), as formigas tanajuras, manivaras ou içás cheias de ovos. Na época em que estão com ovos, fazem a revoadas para formar novos formigueiros. São capturadas quando saem do olho do formigueiro e consumidas ao natural ou torradas e piladas, resultando numa farinha muito saborosa.



Colheita de larvas.

© Vincent Carelli/Video nas Aldeias



Crianças Enawenê-nawê brincando na beira do rio.

BRINCADEIRAS

Todo mundo gosta de brincar e jogar. As crianças podem passar o dia inteiro brincando e inventando atividades para se divertir. Mas os adultos também gostam de diversão e, sempre que podem, se juntam para jogar. Existem muitos jeitos de brincar, mas o objetivo é sempre desfrutar o momento e a companhia dos amigos. Além disso, os jogos ajudam a desenvolver habilidades que serão importantes ao longo da vida. Brincar é também uma maneira de aprender!

Os índios possuem muitos jogos e brincadeiras. Alguns são bastante conhecidos por vários povos indígenas e outros também são comuns entre os não índios, como a peteca e a perna de pau. Já outros são curiosos e originais. Existem brincadeiras que só as crianças jogam, outras que os adultos jogam junto e assim ensinam as melhores técnicas para quem quiser virar um craque! Tem brincadeiras só de menino, outras só de menina. Existem algumas que, antes do jogo começar, é preciso construir o brinquedo! Nesse caso, é necessário ir até a mata,

achar o material certo, aprender a fazer o brinquedo e, só então, começar a brincar. Mas isso não é um problema, pois construir o brinquedo também faz parte da brincadeira!

Conheça brincadeiras e jogos de diferentes povos indígenas!

JOGOS E BRINCADEIRAS DOS KALAPALO

Os Kalapalo vivem no sul do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Conhecem muitos jogos e brincadeiras, tanto individuais quanto coletivas. Algumas brincadeiras são disputas sérias e importantes, outras são brincadeiras de faz de conta; umas são feitas no pátio da aldeia, outras na água e algumas na mata; existem algumas em que participam adultos, outras apenas as crianças e tem também aquelas em que todos jogam juntos. As crianças costumam brincar todas as manhãs bem cedo. Por volta das oito horas param de brincar e voltam para casa para ajudar no trabalho doméstico. As meninas ajudam suas mães e irmãs mais velhas a preparar o mingau de mandioca e também ajudam a cuidar dos irmãos menores. Os meninos, além de ajudar na fabricação dos artefatos, acompanham seus pais nas pescarias. No fim de tarde, os meninos costumam jogar futebol no centro da aldeia e para isso fazem suas próprias bolas e inventam gols.

Conheça este e outros jogos e brincadeiras kalapalo!

→Ikindene

O *Ikindene* é um jogo muito praticado entre os Kalapalo. Durante a cerimônia do *Kwarup*, que reúne pessoas de diferentes aldeias, apenas os homens podem lutar, mas durante o ritual *Jamugikumalu* só participam as mulheres. Este tipo de luta, ou arte marcial, é disputado no pátio central da aldeia entre dois jogadores. Os lutadores se enfeitam com pinturas corporais, cintos, tornozeleiras, colares de caramujos e feixes de lã nos braços e joelhos. Este jogo é levado muito a sério. Os grandes campeões da luta temem perder e os iniciantes têm medo dos adversários ou de se machucar. O *Ikindene* desenvolve força, coragem, resistência e concentração. Durante todo o ano as pessoas da aldeia se preparam para a luta, treinando para as disputas nos rituais. O objetivo



Ikindene disputado durante o *Kwarup* na aldeia Aiha do povo Kalapalo, Parque Indígena do Xingu (MT).

do *Ikindene* é derrubar o oponente no chão; mas um simples toque de mão na perna do adversário acaba com a luta. O vencedor é aquele que consegue tocar a perna do adversário ou que consegue derrubá-lo. **Assista ao vídeo** [<http://isa.to/1eWN1nz>]!

→ *Ta*

Para jogar o *Ta*, em primeiro lugar, é preciso fazer o brinquedo. Trata-se de uma roda de palha recoberta com cortiça de embira (uma árvore típica da região do cerrado) ainda verde e que tem o mesmo nome do jogo: *ta*.

O objetivo do jogo é acertar o *Ta* usando um arco e flecha. Para isso se formam dois times, dispostos em fileiras bem distantes entre si. Um jogador assume a função de lançador e atira o brinquedo pelo ar na direção do time adversário. À medida que o *Ta*, rodando, entra em contato com o chão e vai passando em grande velocidade pela frente dos jogadores do time adversário, eles tentam, um após outro, acertá-lo com suas flechas.

Se ninguém acertar, os times invertem suas funções. Quando alguém consegue acertar o alvo, seu time segue testando a pontaria. Já o time oponente perde o lançador, que sai temporariamente do jogo, sendo substituído por outro jogador. Este jogo desenvolve a precisão, a pontaria e a concentração.

Assista ao vídeo [<http://isa.to/1eWNma5>]

→ *Heiné Kuputisü*

Neste jogo de resistência e equilíbrio, o corredor deve correr num pé só, feito um saci, e não pode trocar de pé. Uma linha é traçada na terra para definir o local da largada e um outro, a uns 100 metros de distância, aponta a meta a ser atingida.

Se o jogador conseguir ultrapassar a meta é considerado um vencedor, mas se parar antes de chegar na linha final, é sinal de que ainda não tem a capacidade esperada e precisa treinar mais. Apesar de a velocidade não ser o mais importante, todos tentam fazer o caminho o mais rápido que podem, mas no fim, vence quem foi mais longe. O jogo, de que participam homens, adultos e crianças, acontece no centro da aldeia. No vídeo podemos assistir a um treino do *Heiné Kuputisü*. Ali o jogo é realizado em duplas e cada participante representa um time, assim os jogadores concorrem par a par.

Veja [<http://isa.to/1eWNG8G>]



**VOCÊ
SABIA?**

Algumas brincadeiras conhecidas pelas crianças nas cidades são parte do cotidiano das crianças indígenas. No Amapá, extremo norte do Brasil, os Galibi do Oiapoque brincam com **piões**. Já os Xavante, do Mato Grosso, no Brasil central, brincam com **pernas de pau**.

A **peteca** é uma antiga conhecida das crianças xavante e também dos Guarani que vivem em São Paulo – e chamam esse brinquedo de **mangá**. O nome peteca é de origem tupi e significa “tapear”, “golpear com as mãos”.

→Toloi Kunhügü

Essa brincadeira acontece na beira de uma lagoa ou de um rio. Quem propõe a brincadeira assume o papel de um gavião e será o “dono” da brincadeira. O “gavião” desenha na areia uma grande árvore, cheia de galhos, e as outras crianças fingem ser passarinhos. Cada “passarinho” escolhe um galho, monta o seu ninho e senta-se lá. O gavião sai à caça dos passarinhos, que saem dos seus ninhos e se reúnem num local bem próximo à “árvore”, batendo os pés no chão e provocando o gavião com uma graciosa cantoria.

O gavião avança lentamente na direção dos passarinhos. Já bem perto do grupo, dá um pulo e tenta pegar os passarinhos que começam a correr em todas as direções, fazendo muitas manobras para distrair o gavião. Para descansar, protegem-se nos seus ninhos. O gavião, quando consegue apanhar um dos passarinhos, prende-o no seu refúgio, que fica próximo ao pé da árvore. O último passarinho que conseguir escapar e não ser “caçado” pelo gavião, se transforma no novo “gavião” e “dono” da brincadeira, que recomeça. O jogo desenvolve diversas habilidades, tais como a concentração, a velocidade de movimento, a agilidade e a percepção de tempo. **Assista a essa brincadeira!** [<http://isa.to/1eWNKFk>]

FIGURAS DE BARBANTE

Crianças e adultos de todos os cantos do mundo criam nas próprias mãos figuras com fios que representam formas do cotidiano, como: vassoura, estrela, rede, casa, pé de galinha, peixe, diamante, balão, morcego, entre outras. Sabem também fazer incríveis mágicas: cortam o pescoço, emendam duas pontas dos fios na boca, passam a mão de alguém entre os fios, desfazem vários nós com um único puxão, fazem mágicas com os pés etc.

Na aldeia Canaunanim, em Roraima, onde vivem cerca de 600 índios **Wapixana**, e um pouco mais de 100 famílias, vive Dona Júlia, a mãe do tuxaua, o chefe da aldeia. Além das muitas histórias que conhece, dona Júlia ensina os mais novos da aldeia a fiar o algodão com uma ferramenta feita de casco de jabuti. Quando juntam vários novelos bem



branquinhos, ela gosta de tecer rede de dormir e de brincar de fazer figuras e mágicas nos dedos com os pequenos pedaços que sobram. Dá um nó na ponta e começa a mostrar suas habilidades com os fios, sob o olhar atento dos netos e parentes. Assim, de mão em mão, e ao

que parece dos avós para netos, figuras feitas com fios barbantes passeiam por diferentes culturas, espalham-se entre os povos e criam imagens incríveis! Uma das imagens preferidas de dona Júlia é a mágica de matar carapa-nã, os famosos pernilongos.



Os **Kalapalo**, que vivem no Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso, também conhecem esta brincadeira que é chamada de *Ketinho Mitselü*. Utilizam um fio comprido feito da palha de buriti trançado e amarrado nas pontas. Entrelaçam rapidamente o fio com os dedos e formam diversas figuras. Aparecem animais, figuras da mitologia e referências bem-humoradas às suas atividades.

Os adultos, homens e mulheres, fazem trançados complexos e as crianças figuras mais simples, numa velocidade incrível. As crianças realizam estes trançados e depois os passam para as mãos de outras, que vão transformando os desenhos até voltar novamente à forma original. Além de divertido, esse jogo desenvolve a criatividade, a memória e a precisão. **Assista ao vídeo** [<http://vimeo.com/5682897>]

BRINCADEIRAS DOS YUDJA

Os Yudja falam uma língua do tronco Tupi e vivem em seis aldeias próximas à beira do rio Xingu, no Mato Grosso. O texto abaixo foi produzido pelas crianças da aldeia Tuba Tuba junto com a equipe do Programa Xingu/ISA.



Nós somos as crianças do povo Yudja, da aldeia Tuba Tuba do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. Nós meninos aqui da aldeia gostamos de brincar com nosso arco e flecha. Nós começamos a aprender a fazer archinho com nossos avôs, pais, irmãos mais velhos ou nossos amigos.

Fazemos nosso arco e flecha com qualquer tipo de material só para brincar e aprender a lançar flecha, o mais difícil é colocar a pena da ponta da flecha para voar bem. Nós acompanhamos nossos pais durante a pesca-ria, também pescamos sozinhos na beira do rio, mas na caçada nós não vamos, porque é difícil acompanhar. Nós fazemos campeonato de arco e flecha para saber quem é o melhor no lançamento de flecha. Nós gostamos de fa-

zer aviãozinho, imitando a hélice com uma folha de árvores ou outros materiais.

Nós meninas gostamos de fazer pulseira, colar de miçanga.

Em casa, nós ajudamos nossas mães cuidando de nossos irmãos menores, assando peixe, fazendo mingau, até conseguirmos fazer sozinhas. Nós também vamos na roça e ajudamos a carregar mandioca, batata e outros.

Ajudamos também a pegar água no rio para cozinhar e lavar. Nós lavamos louça e roupa no rio desde pequenas. Nós também já estamos aprendendo a fazer pintura corporal e começando a fazer cuias e panelinhas de barro. Nós gostamos de brincar de pega pega no rio, de escorregar no barranco... De desenhar animal ou pessoa na terra, de brincar de rodar o peão com semente de tucum...

E de fazer brincadeira de barbante.

Nós também temos nossas músicas para brincar batendo palma ou então brincar de roda. De noite nós gostamos de brincar no pátio da aldeia cantando as músicas de brincar, ou então as músicas das nossas festas.

Nós estudamos na escola de nossa aldeia, estudamos em nossa língua e no português e ouvimos as histórias que os mais velhos contam para a gente durante a aula.



fotos: © Paula Mendonça/ISA



Arranca mandioca

Esta brincadeira ainda vive firme e forte em algumas comunidades indígenas, mas é desconhecida entre crianças e adultos não indígenas. Nos estados do Espírito Santo e de São Paulo, crianças guarani a conhecem pelo nome de “arranca mandioca”, porque lembra a maneira como a mandioca é colhida. Quando resolvem brincar, reúnem-se perto de uma árvore e fazem fila, todos agachados, com as mãos nos ombros da criança da frente. Caminham dessa forma até a árvore e sentam no chão. A primeira da fila se agarra na árvore e as de trás seguram umas nas outras pelos braços e pernas. Uma criança (precisa ser alguém forte) é encarregada de “arrancar” as mandiocas – que são as próprias crianças. O primeiro da fila, aquele que está agarrado à árvore, é o “dono da roça de mandiocas”, é ele quem dá permissão para que sejam retiradas uma a uma as “crianças-mandiocas” da fila. Assim, começa o trabalho de soltar cada criança com toda a força. Entre os Guarani, vale tudo para soltar as crianças, como: fazer cócegas, puxar pelas pernas, pedir ajuda para quem já saiu da fila.

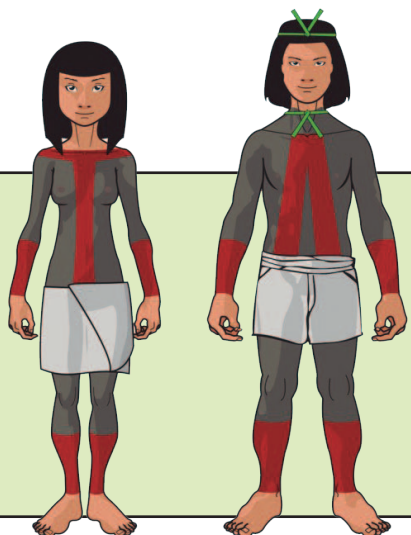
Entre os Xavante, fazer cócegas é impensável. No Cerrado, região onde vivem, meninos e meninas conhecem essa mesma brincadeira com o nome de “tatu”. Isso porque é muito difícil pegar o tatu quando ele se esconde na sua toca; não há quem o tire com as mãos. Pode puxá-lo pelo rabo, mas ele prende suas unhas na terra e não sai de lá por nada. Na brincadeira do tatu, as crianças só se soltam umas das outras quando a pessoa que está “caçando” usa sua própria força – porque a força é muito valorizada entre os Xavante. Essa brincadeira é sucesso garantido nas mais diversas situações!



Crianças Kawaiwete, com broto de buriti para confecção de brinquedos, aldeia Tuiararé, Parque Indígena do Xingu (MT)

KRAHÔ

Os Krahô vivem na Terra Indígena Kraolândia, em Tocantins, e suas aldeias têm formato circular. São um grupo de 2.463 pessoas e falam uma língua da família Jê. São muito conhecidos pelas corridas de toras que fazem todos os dias.



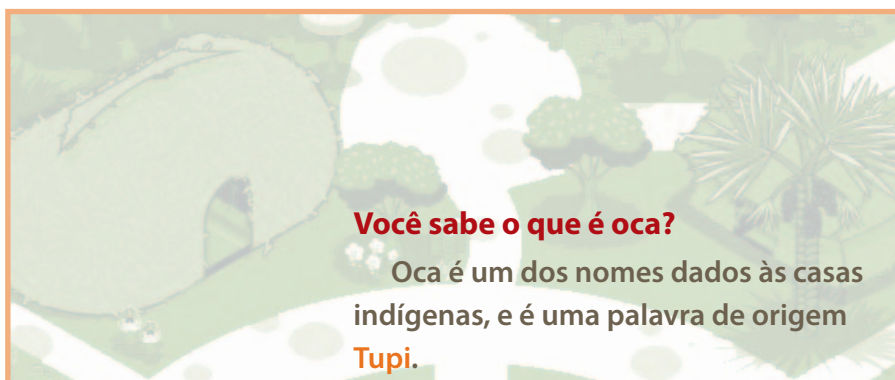
CASAS

Normalmente aprendemos nas escolas, na televisão e em alguns livros, que os índios vivem em casas chamadas de **ocas** que, juntas formam **aldeias**, normalmente em formato de círculo. Isso não está incorreto, mas existem vários **outros tipos de habitações indígenas que você vai conhecer aqui!**

© Vincent Carelli/Vídeo nas Aldeias



Aldeia Enawenê-nawê, Terra Indígena Enawenê Nawê (MT).



Você sabe o que é oca?

Oca é um dos nomes dados às casas indígenas, e é uma palavra de origem **Tupi**.

COMO SÃO AS CASAS E AS ALDEIAS INDÍGENAS?

Entre os grupos indígenas há muitas formas de conceber e construir as casas, pois cada grupo tem um jeito diferente de pensar e de se relacionar com o ambiente onde vive. A casa é sempre parte da cultura de um povo.

A maneira como ela é usada, dividida e construída reflete o jeito que os moradores têm de organizar o mundo. Além disso, as construções variam muito de acordo com o modo de vida, o clima, o tipo de ambiente e os materiais de que os grupos dispõem para a construção.

© Isaac Amorim Filho



Maloca tradicional dos Matis, Igarapé Boeiro, Terra Indígena Vale do Javari (AM).

© Arno Vogel



Aldeia Ashaninka, Alto Juruá, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia (AC).

QUE FORMAS TÊM AS CASAS INDÍGENAS?

As formas das casas variam segundo os costumes de cada grupo: podem ser circulares, retangulares, pentagonais, ovais. O formato das aldeias também muda de acordo com o povo. Conheça alguns exemplos.

→ Como são as casas dos Yawalapiti?

Os Yawalapiti vivem na parte sul do Parque Indígena do Xingu, conhecida como Alto Xingu. Como todas as aldeias da região, a aldeia yawalapiti tem a forma de um círculo, com as casas dispostas ao redor de um espaço central, local de uso masculino, onde está localizada a casa dos homens.

Suas casas são comunais, isto é, comuns a várias famílias, aparentadas entre si. O tamanho da casa varia de acordo com o número de moradores. O espaço interno normalmente é organizado assim: há o espaço da cozinha; o depósito de alimentos que fica no centro da casa, e um outro, em frente à porta de entrada, onde os visitantes são recebidos e as danças realizadas. Os moradores dormem em redes que são amarradas nas laterais da casa. À noite, a casa é fecha-

© Eduardo Viveiros de Castro



Maloca Yawalapiti, no Parque Indígena do Xingu (MT).

da com portas feitas de madeira e palha e pequenas fogueiras são acesas abaixo das redes, deixando o interior com uma temperatura agradável.

As diferentes partes da casa são relacionadas com partes do corpo humano ou animal. A parte da frente, por exemplo, corresponde ao peito, os fundos são as costas, a porta é a boca e os pilares são as pernas.

O que é a casa dos homens?

Em muitas aldeias de diversos povos indígenas existe uma casa especial para os homens. Não é uma casa de moradia, mas um local onde eles se reúnem e também onde realizam rituais. As mulheres não podem entrar na casa e nem participar dos rituais porque esta é uma atividade masculina. Entre os povos indígenas, é comum existir atividades que são realizadas exclusivamente por um dos gêneros, isto é, ou são praticadas pelas mulheres ou pelos homens. A casa dos homens é um espaço onde fica clara essa diferenciação.



© Paulo Junqueira/ISA

Casa dos homens na aldeia Násêpotit dos Panará, Terra Indígena Panará (PA).

→ Como são as casas dos Karajá?

Os Karajá têm suas aldeias localizadas nos estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins. Suas casas se parecem com as habitações dos caboclos das regiões vizinhas, mas a maneira que os Karajá organizam o espaço interno de suas casas é muito diferente! Antigamente os Karajá não tinham uma aldeia permanente. Na estação das chuvas, quando o Rio Araguaia enche, a aldeia era construída nos barrancos mais altos, longe das margens. As casas possuíam uma estrutura de madeira e o teto de palha se estendia até o chão para fechar completamente as casas e proteger os seus moradores das chuvas e dos ventos. Na estação seca, a aldeia se transferia para as margens do rio, facilitando a pesca e a coleta de alimentos. As casas construídas neste período eram casas mais simples que aquelas feitas no período de chuvas. Em qualquer época, porém, as casas eram dispostas em linhas de frente para o rio. A única casa que ficava afastada era a casa dos homens, chamada de “Casa de Aruanã” ou “Casa do Bicho”, local de reunião dos homens e de aprendizado para os rapazes solteiros.

Por causa de um violento massacre que sofreram, os Karajá abandonaram o seu ciclo anual de subsistência, quando construíam moradias em diferentes locais. Atualmente suas casas têm um formato retangular ou quadrado, o piso é de terra batida e o telhado é feito de madeira ou da palha da palmeira babaçu. As paredes são de palha e não

© André Toral



há janelas. A ventilação, a iluminação e a saída da fumaça acontecem através das frestas da palha. Não há divisões internas nas casas e os espaços são separados apenas com esteiras, cada uma delimitando onde a família dorme à noite e trabalha ou descansa durante o dia. Em algumas aldeias existem casas de alvenaria construídas pelo governo, mas seus moradores as abandonaram e voltaram a viver em casas de palha, pois as construções de alvenaria ignoravam o clima do local. Mas o maior problema é que essas casas não respeitavam às práticas sociais e culturais mais importantes para a população karajá.

→ Como são as casas dos Wajãpi?

Os Wajãpi vivem nos Estados do Amapá e Pará, no Brasil, e na Guiana Francesa. Geralmente constroem suas aldeias em locais próximos a pequenos rios. Ali podem caçar, pescar, fazer roça e encontrar os materiais necessários para a construção de suas casas. Quando esses recursos começam a diminuir, abandonam sua aldeia e constroem uma nova.

© Catherine Gallois



Casa na aldeia Aramirã, Terra Indígena Waiãpi (AP).

Se você olhar as aldeias wajãpi, vai perceber que nem sempre elas se parecem umas com as outras, pois não possuem um desenho padrão. As casas parecem distribuir-se sem nenhuma ordem, mas um olhar mais atento percebe que elas se organizam em conjuntos que correspondem a grupos de parentes. No geral, todas as aldeias são formadas por roças e pátios, que são os locais onde são construídas as casas. Uma aldeia tanto pode ter um único pátio com poucas casas ao redor, quanto vários pátios, isso depende das relações estabelecidas entre as famílias que costumam morar próximas umas das outras.

As casas podem ser de dois tipos, e isso depende se a ocupação é temporária ou permanente. Nos acampamentos temporários, construídos durante as expedições de caça, por exemplo, a casa é mais simples, pois há somente o espaço necessário para cobrir as redes. Esse tipo de casa é também construído perto das roças para acolher a mãe e o filho recém-nascido ou perto das casas permanentes, para servir de cozinha.

© Catherine Gallois



Casa com cobertura de palha preta, Terra Indígena Waiãpi (AP).

As casas permanentes têm um tamanho variado, mas seguem um padrão tradicional: com estruturas de madeira, base retangular e cobertura de palha. Atualmente há casas mais parecidas com a dos não índios: com portas, fechaduras e divisões internas feitas de alvenaria. As redes são amarradas no centro da casa e o fogo fica sempre aceso em uma de suas extremidades. Os alimentos são preparados fora da casa, na “casa-cozinha” ou ainda em um fogo do lado de fora. As atividades feitas no interior das casas normalmente são as refeições e o descanso, sempre em família. Em algumas ocasiões, eles se reúnem na praça da aldeia, separados sempre entre homens e mulheres, para refeições coletivas ou para fazer suas festas.

→ Como são as casas dos Xavante?

Os Xavante somam hoje cerca de 15 mil pessoas e vivem em doze terras indígenas localizadas no estado do Mato Grosso. É um povo que costumava se deslocar muito e ocupava vários espaços. Eles tinham uma aldeia que servia como base e acampamentos temporários que eram construídos, ao longo do ano, durante as migrações. Quando não estavam nos acampamentos, os Xavante ficavam na aldeia trabalhando em várias atividades, especialmente na roça. Esses deslocamentos aconteciam em regiões que hoje em dia são grandes cidades do interior do Mato Grosso.

Atualmente existem aproximadamente 165 aldeias e, sempre que possível, elas são construídas na junção de dois rios. As aldeias têm a forma de uma ferradura voltada para o maior rio, padrão que também costumava ser seguido nos acampamentos temporários. O *Warã* é o espaço central da aldeia onde os homens tomam decisões importantes em encontros que as mulheres e crianças não podem participar.

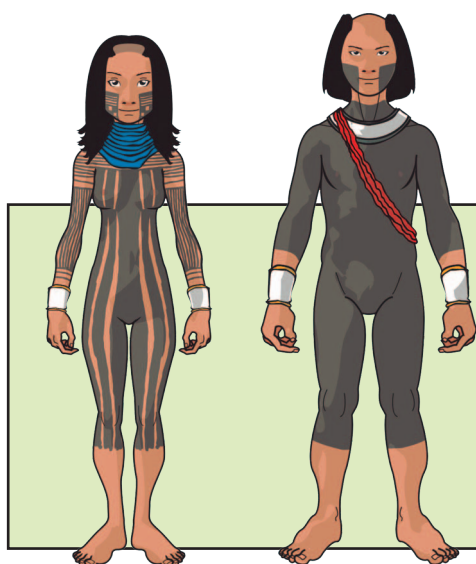
As casas tradicionais são construídas de madeira e cobertas de palha até o chão e ficam próximas umas das outras, formando o desenho da ferradura. A única entrada da casa está voltada para o centro da aldeia. No interior das casas há um espaço para cada família, que é delimitado por esteiras, e é ao redor do fogo onde todos se reúnem.

© René Fuerst



Casa tradicional xavante.

Hoje em dia, no entanto, as casas xavante estão mais parecidas com as dos sertanejos, ou seja, são quadradas, com telhado em forma de 'V' invertido, ou redondas com telhado em forma de cone.



XIKRIN KAYAPÓ

São 1.800 índios que vivem no sudeste do Pará. Os Xikrin, falantes de língua Kayapó, valorizam a audição e a palavra e, por isso, perfuram orelhas e lábios logo na infância. As mulheres cuidam da pintura corporal e dedicam muito tempo para realizá-la.

A casa sagrada ou maloca

Antigamente todos os povos indígenas do Alto Rio Negro construíam casas bem grandes, chamadas de **maloca**, que eram moradas coletivas. São para até dez famílias. Durante um ritual ou festa, a maloca representa o universo, o chão da maloca é a terra, os postes são montanhas que sustentam o telhado, que representa o céu. Sob o solo da maloca corre, de oeste a leste, um rio invisível, fonte de vida.

Hoje as malocas são encontradas em poucas comunidades. Isso porque aconteceu naquela região uma catequese muito violenta. Alguns religiosos, em seu intuito de enfraquecer a cultura dos índios, proibiram-nos de morar em malocas, insistindo para que cada família construísse sua casa individual. (Texto dos Tuyuka das comunidades de Pari acima, Alto rio Tiquié)

© Aloisio Cabatzar/ISA



Maloca Tuyuka, comunidade São Pedro, Alto Tiquié (AM).

JEITOS DE APRENDER

Ao longo de toda vida as pessoas passam por muitos aprendizados. Aprende-se dos mais diferentes jeitos e em vários momentos. O que se aprende e com quem se aprende também é muito diverso em cada lugar. As crianças indígenas, por exemplo, aprendem muita coisa com seus pais e parentes mais próximos, como os irmãos e os avós. Os conhecimentos podem ser transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, durante os rituais e as festas.

É principalmente na relação com seus parentes que as crianças aprendem. Caminham junto com eles, observam atentamente aquilo que os mais velhos estão fazendo ou dizendo; acompanham seus pais até a roça; vão pescar com os adultos e brincam muito! Cada brincadeira é um jeito de aprender uma habilidade que será importante no futuro, como saber caçar, pescar, fazer pinturas no corpo, fabricar arcos e flechas, potes, cestos. É por meio destes processos de aprendizagem que as crianças aprimoram as técnicas necessárias para realizar tais atividades.

© Camila Gauditano



© Paula Mendonça/ISA

© Paulo Junqueira/ISA



© Camila Gauditano



Tainara Xavante confeccionando cesto de fibra de buriti ao lado de sua filha Pewaipó, na aldeia Wederã, TI Pimentel Barbosa (MT).

Na convivência com os mais velhos, aprende-se o jeito certo de se comportar e de se relacionar com todos da família e do grupo. Dessa forma as crianças aprendem, por exemplo, quem são as pessoas que devem ser tratadas como irmãos e irmãs, como tios e tias, com quem poderão se casar no futuro. Dessa maneira vão entendendo qual a sua importância na comunidade. Pouco a pouco, as crianças aprendem os modos de agir, os princípios e tudo aquilo que é importante para que se tornem pessoas produtivas e participativas. Para isso é muito importante estarem sempre atentas aos trabalhos diários e ao aprendizado e transmissão de conhecimentos.

COMO APRENDEM OS XAVANTE

Os **Xavante**, que vivem no estado do Mato Grosso, no cerrado brasileiro, se autodenominam A'uwé que na língua Akwén quer dizer "gente". O aprendizado entre os Xavante é um processo que acontece ao longo de toda a vida, desde quando se é criança até a velhice. Em cada etapa deste longo caminho, novos conhecimentos são adquiridos nas mais diferentes situações: algumas são entendidas como

momentos de aprendizagem (como é o caso dos rituais), outras estão relacionadas com as pequenas atividades realizadas no dia a dia.

As situações mais cotidianas são momentos de aprendizagem valorizados pelos A'uwé. As crianças costumam caminhar livres pela aldeia acompanhando outras pessoas (sejam crianças, velhos ou adultos) em suas atividades e são nestas ocasiões que elas aprendem a identificar as regras que orientam sua sociedade.

As tarefas domésticas são aprendidas no cotidiano. Ao mesmo tempo em que ajudam seus parentes a tomar conta do irmão, lavar roupa, levar e trazer recados, preparar comidas, as crianças brincam e se divertem. Assim o aprendizado vai acontecendo aos poucos. A brincadeira é um jeito de aprender. Os meninos, por exemplo, aprendem a fazer arcos e flechas desde pequenos e brincam ao redor da casa imitando caçadores e bichos. Vão aperfeiçoando a maneira de fazer os objetos e assim, quando forem adultos, conseguirão fazer arcos e flechas bonitos e bons para caçar, além de desenvolverem as habilidades físicas para se tornarem bons caçadores.

As crianças xavante costumam repetir muitas vezes a mesma brincadeira, buscando novas possibilidades e desafios a cada repetição. Dessa forma melhoram suas habilidades e aprendem suas possibilidades e do mundo à sua volta. Brincar de casinha é um bom exemplo disso. Ao construir com o barro uma casa em miniatura, imitam as divisões internas de sua própria casa e assim a criança xavante reflete sobre a organização doméstica e os espaços da aldeia, e aprofunda o conhecimento que tem sobre sua comunidade.

Os rituais são importantes situações de aprendizagem. Nestes momentos todo mundo aprende: os jovens aprendem mais sobre os valores, princípios e modos de agir do seu grupo e os adultos aprendem com os mais velhos todos os detalhes da realização de um ritual. Estes momentos buscam enfatizar as divisões e as regras sociais xavante e fixar os conhecimentos sobre as mesmas. Eles têm por objetivo marcar períodos de amadurecimento, de passagem de uma fase da vida para outra, da fase

© Camila Gaudiano



de criança para a idade adulta, por exemplo. Nos rituais de passagem aprende-se como agir socialmente: o que a comunidade espera, quais atitudes se deve ter dali para frente. Os rituais têm objetivos concretos como demonstrar que aqueles meninos já conseguem enfrentar desafios físicos, que conhecem importantes cantos, que já fazem parte dos sistemas de troca a'uwé etc. Além dessas situações de aprendizado, os Xavante também valorizam a educação escolar, pois percebem que é um importante instrumento para a compreensão do mundo fora da aldeia, além de permitir o domínio de conhecimentos e tecnologias específicas dos não indígenas.

O QUE OS KÍSÊDJÊ APRENDEM COM OS MAIS VELHOS

Os **Kísêdjê**, também chamados de Suyá, vivem no Parque Indígena do Xingu. A palavra Kísêdjê significa ouvir, compreender e saber e estas são as qualidades mais valorizadas por este grupo. No texto abaixo, retirado do livro *Ecologia, Economia e Cultura* (2005), eles contam o que aprendem com os mais velhos.

Valores da sociedade kísêdjê

Os valores são ensinados pelos velhos, pelos avós e pelos pais desde criança. Ensinar a respeitar as pessoas, ter bom comportamento, caçar, pescar, saber dar valor à natureza e à vida humana. Saber tratar os convidados e as famílias mais próximas e distantes. Ensinar a fazer artesanato, respeitar cada animal e outros seres que existem na natureza. Ser generoso, honesto com os seres humanos. Seguir as regras dos mais velhos, das coisas que eles nos ensinam. Respeitar lugares e objetos que têm suas histórias contadas pelos mais velhos. Existem lugares e objetos sagrados, principalmente o lugar e os objetos de reza do pajé, como o apito feito com o osso de ave, o cigarro e as ervas. Muitas pessoas respeitam e consideram os próprios pajés como pessoas sagradas. As montanhas e as lagoas que têm sua história contada pelos mais velhos, também são sagradas.

COMO ENSINAM OS YUDJA

Os **Yudja**, até pouco tempo conhecidos como Juruna, falam uma língua do tronco Tupi. *Yudja* em seu idioma quer dizer “donos do rio”.

Habitam na beira do Rio Xingu, no Mato Grosso, e também perto da foz do rio próximo à cidade de Altamira, no Pará. Eles chamam a

Nosso jeito de ensinar

A educação yudja é desenvolvida pra formar para o trabalho e para o bom comportamento. A pessoa aprende através da prática, acompanhando alguma atividade, olhando e ouvindo com atenção, imitando o jeito de fazer ou mesmo brincando de fazer como os adultos. A pessoa tem que ser curiosa também e perguntar com interesse de aprender. Os pais aconselham seus filhos à noite, durante conversas antes de dormir, contando histórias antigas que educam.

Durante o desenvolvimento da pessoa, quando a criança começa a andar e falar, nós a chamamos *ali*. Nessa fase os pais pedem as coisas à criança para pegar alguma coisa, passar um recado ou chamar uma pessoa na outra casa, só para os pais verificarem se aquela criança já entende o que foi pedido.

Também nessa fase, ela deve aprender alguma coisa com sua família, vendo o trabalho dela, imitando e praticando. A criança com 5 a 8 anos já pode começar a ajudar em alguns tipos de trabalho como fiar algodão, fazer tecelagem, fazer arquinho e flecha, acompanhar os pais na pesca e em festas. Mas para alguns trabalhos existem regras e só é permitido fazer a partir de mais ou menos 10 anos de idade. Quando essa pessoa se torna *iparaha* (jovem), ela passa por uma preparação durante o período de reclusão, onde ela fortalece e aprofunda seu conhecimento sobre as histórias, comportamento, remédios especiais que ela toma para crescer saudável e as atividades para o trabalho como: fazer cerâmica,

atenção por terem uma pintura corporal muito bonita, muitas músicas e festas, por gostarem de tomar caxiri (bebida feita de mandioca) e fazerem canoas e panelas de cerâmica. Os Yudja, aproximadamente 348 pessoas, vivem hoje divididos em seis aldeias: Paquçamba, Pequizal, Tuba Tuba, Mupadá, Paruredá e Pakaya.

© Paula Mendonça/ISA



Meninas yudja aprendem as formas tradicionais de pintura corporal e de objetos com as mulheres mais velhas, no Parque Indígena do Xingu (MT).

tecelagem, pinturas, receitas de comida, plantio de alimentos, roçadas, fazer casa, caçar, pescar e outras atividades. Assim ela se prepara para quando se casar, passar esse conhecimento para seus filhos.

A educação na escola deve caminhar junto com a educação tradicional do povo Yudja. A escola deve ensinar a escrita e a fala do não índio para se comunicar com falantes de outras línguas, também deve ensinar a escrita de nossa língua e fortalecer nossa cultura. Todos devem participar da escola: alunos, pais de alunos, professores, idosos, crianças, adultos, jovens, toda a comunidade. (Texto produzido pelos alunos e professores da escola Yudja)



© Kátia Ono/ISA

APRENDENDO COM OS YANOMAMI

Os **Yanomami** são um povo que vive na floresta amazônica, no Brasil – nos estados de Amazonas e Roraima, – e também na Venezuela. No Brasil os Yanomami somam mais de 19 mil pessoas.

Apesar de falarmos “povo Yanomami”, eles se dividem em vários grupos que são diferentes entre si. Para se ter uma ideia, existem cinco línguas yanomami diferentes e cerca de 211 aldeias!

Nesse texto, você entende como as crianças yanomami aprendem com seus parentes durante as atividades do cotidiano. Se você é curioso, não deixe dar uma olhada no texto escrito em yanomami, logo abaixo.

Como as crianças yanomami aprendem

Nós Yanomami ensinamos nossas crianças nas tarefas cotidianas. Assim, quando a mãe trança um cesto a filha observa e tenta fazer um cesto pequeno, ao mesmo tempo que brinca imitando a mãe ela aprende a trançar o cesto.

Da mesma forma, quando o pai vai caçar perto da casa, leva seu filho junto para que ele conheça a floresta, as plantas, os animais. É comum que o pai faça um arco e flecha pequenos para que o filho aprenda a flechar pequenos animais, assim ele vai treinando para quando crescer virar um bom caçador.

As crianças também aprendem ouvindo os mais velhos falarem durante o hereamu, que são momentos em que assuntos importantes são discutidos na comunidade. Essas falas acontecem quase todos os dias à noite ou quando está amanhecendo. Durante as festas, as crianças aprendem a dançar e cantar. Nas sessões de xamanismo as crianças sempre ouvem, olham e depois brincam imitando os cantos dos xamãs.

Normalmente os irmãos mais velhos ajudam os irmãos mais novos, ensinando coisas e cuidando deles.



Menina yanomami
carregando seu pequeno
wii a (cesto), aldeia
Watoriki, Terra Indígena
Yanomami (AM).

As crianças quando são pequenas não ouvem direito, na medida em que vão crescendo, vão entendendo melhor e aprendendo novas coisas.

Esse é o jeito como nós Yanomami ensinamos e aprendemos as coisas da nossa cultura fora da escola.

Oxë thëpë pihî moyãm+pruu kua pënaha

Hapë naha thë kua, kami yamaki hwii pëni yamaki ã hiramai he. Waro a kuo tēhë, xaraka pë hiramai he, xaraka a niaiwi thëpë hiramaihe. Hwii exë, nii exë, kupë kuu tēhë, ihiru pë epë pree huu, kuë yaro ihiru pë epë pree kiai pairimuu. Kami Yanomae yamaki oxë mahio tēhë, yama thëpë ã hapa hirii pario huruu. Pata thëpë hereamou tēhë, yama thëpë ã pree hirii. Thëpë pree xapirimou tēhë, yama thëpë ã pree hirii, reahu a kuo tēhë yamaki praii pree wapamu. Kami yamaki oxë mahio tēhë kami yamaki hwii pëni kami yama ki nii pëxë, kami yamaki yau pëxë, yama kiã hapa hiramai pariohe. Hapa yamaki oxë mahio tēhë, yama thëpë ã hiripraimi, makii waiha yamaki patarayu tēhë yama thë pë ã hiri praixoao, inaha kami Yanomae yamaki oxë thëpë hiramai kua pëhenaha.

(Texto extraído do Projeto Político Pedagógico da região do Toototopi)

Coisas que só as crianças yanomami sabem

Nas aldeias do povo Yanomami, os velhos são grandes conhecedores das histórias dos antigos, das plantas e alimentos da floresta, mas se você quiser saber o nome de algum passarinho, é melhor perguntar para as crianças: os meninos yanomami conhecem muitos dos 500 tipos de passarinhos que existem por ali.

Desde pequenos, antes mesmo de aprenderem a falar, os meninos yanomami ganham de seus parentes um pequeno arco acompanhado de uma flechinha sem ponta, para que comecem a aprender a flechar desde novinhos. Quando os meninos têm aproximadamente 4 anos de idade, já sabem usar o arco e a flecha e passam horas do dia procurando passarinhos, calangos ou frutas para flechar. Os passarinhos são o tipo de caça preferido pela criançada!

Falar sobre passarinho é um papo comum dos meninos yanomami, sempre que um deles captura um passarinho, vai logo mostrá-lo aos outros. Os meninos conversam sobre as características dos bichinhos e sobre seus nomes, assim vão trocando conhecimentos sobre os pássaros uns com os outros e aprendendo cada vez mais sobre eles. Conforme vão crescendo, os meninos passam a acompanhar os pais em caçadas longas, em regiões mais distantes, e aos poucos perdem o interesse por caçar passarinhos. Eles começam a flechar animais maiores – como mutuns, pacas, cutias, queixadas, veados e até antas. Por isso, alguns Yanomami crescidos contam ter esquecido os nomes dos pequenos pássaros. Mas é só olhar para a criançada na aldeia e você vai perceber que eles estão caçando passarinhos e trocando conhecimento sobre as pequenas aves. Assim, os maiores conhecedores dos passarinhos são e sempre serão os pequenos yanomami! (Ana Maria Machado, pedagoga)

ESCOLAS INDÍGENAS

As escolas indígenas, assim como aquelas dos não índios, também são um espaço de aprendizado das crianças. Muitas vezes o conteúdo que é ensinado ali pelos professores é bem diferente daquele que é transmitido pelos parentes na aldeia. É claro que estes conteúdos podem se misturar em alguns momentos, mas a escola tem como foco ensinar a escrever, ler, fazer conta, entre outros conhecimentos importantes para o diálogo com o mundo dos não índios, já os parentes ensinam as formas de se organizar da comunidade, como produzir artefatos e tudo aquilo que é importante para se viver bem naquele grupo.

Além disso, o conteúdo que se aprende nas escolas indígenas é diferente daquele das escolas dos não índios. Isso porque os povos indígenas têm direito a ter uma escola diferenciada, isto é, uma escola que ensine conteúdos que se relacionem com a cultura e a língua de cada povo. Mas nem sempre esses direitos são respeitados. Muitas vezes, os professores e os livros usados nas escolas indígenas falam de assuntos que não estão ligados ao cotidiano das comunidades indígenas e ensinam o ponto de vista dos não índios como o único ponto de vista cor-

© Ton Koene



Crianças kisêdjê na sala de aula, aldeia Ngojwêrê, Terra Indígena Wawî (MT).

reto. A história da educação nas escolas indígenas no Brasil mostra que, de um modo geral, a escola buscou integrar as populações indígenas à sociedade à sua volta, ou seja, fazer com que eles fizessem parte dela. Mas a “integração” era, na verdade, uma tentativa de fazer com que os índios vivessem como os não índios, ensinando-os a falar, ler e escrever em Português, a língua oficial do país. Somente há pouco tempo línguas indígenas passaram a ser usadas na escola.

A ESCOLA PODE AJUDAR A VALORIZAR AS LÍNGUAS INDÍGENAS?

Nos anos 1990 surgiram novos modelos de escola indígena preocupados em respeitar as diferentes culturas, especialmente as línguas. Assim, a escola passou a ser um espaço que estimula e fortalece o uso das línguas indígenas.

Foi a partir desse momento que os próprios índios se tornaram professores nas escolas das aldeias e a língua indígena passou a ser utilizada em sala de aula. Os conteúdos tratados nos cursos foram adaptados pelos próprios índios para dialogar melhor com a realidade vivida por cada comunidade.

A escola indígena além de abordar muitos conteúdos que os não índios aprendem, ensinar a fazer conta, a ler e a escrever na língua indígena, também passou a incluir os conhecimentos locais na sala de aula. Os alunos aprendem, por exemplo, como usar os recursos naturais e cuidar do ambiente e do território onde vivem, aprendem sobre a história de seus antepassados, seus mitos etc. Além disso, seu calendário escolar é diferente, pois respeita as festas e rituais locais. Esse novo



**VOCÊ
SABIA?**

Tem escola na aldeia?

Sim, muitas aldeias têm escola! Como se sabe, a maioria das aldeias fica dentro de Terras Indígenas, assim cada Terra pode ter uma ou mais escolas. Isso vai depender de seu tamanho e da situação de cada comunidade.



Alunos Escola Indígena Tuyuka
Utapinopona, Comunidade São
Pedro, Alto Rio Tiquié, Terra
Indígena Alto Rio Negro(AM).

modelo de educação ajuda a valorizar a língua indígena, e também todo o modo de ser do grupo que a criança pertence, isso porque ela aprende conteúdos que se referem à sua vida e a vida de sua comunidade.



Professor Jawarete Kaiabi e seus alunos, Escola Indígena
Moitará, aldeia Moitará, PIX (MT).

POR QUE APRENDER PORTUGUÊS É IMPORTANTE?

Mesmo tendo aulas na língua indígena é muito importante aprender o português na escola. Saber falar a língua portuguesa é uma das maneiras que os povos indígenas têm para se comunicar com diferentes pessoas, interpretar e compreender as leis que orientam a vida no país, principalmente aquelas que dizem respeito aos direitos dos índios. Afinal todos os documentos necessários para se viver na sociedade brasileira são escritos em Português. O aprendizado da escrita em Português tem, para os povos indígenas, funções muito claras: dá chance de defenderem seus direitos e acesso ao conhecimento de outras sociedades.



Parede frontal da maloca Tuyuka com desenho da anaconda ancestral., comunidade São Pedro, Alto Tiquié, AM.

MITOS

Todas as sociedades possuem um conjunto de ideias e reflexões próprias sobre a origem do mundo, sobre como foram criados os seres e elementos: os humanos, os animais, as plantas, os rios, as paisagens, os astros, o céu, a terra etc.

Muitas vezes essas ideias e reflexões sobre as origens são narradas na forma de histórias, que chamamos de mitos!

Os mitos são histórias sobre um passado bem distante que, ao mesmo tempo, dão sentido à vida no presente, pois explicam como o mundo, os seres e as coisas vieram a ser como são.

São contados e recontados pelos mais velhos aos mais novos. É assim que importantes conhecimentos são transmitidos oralmente de uma geração para outra.

Os mitos se relacionam com a vida social, os rituais, a história e o modo de viver e pensar de cada sociedade e, por isso, expressam maneiras diferentes de ver a vida, a morte, o mundo, os seres, o tempo, o espaço.

Os mitos são parte da tradição de um povo, mas essa tradição sempre se transforma!

Toda vez que um mito é contado, ele pode ser recriado por quem o conta. As experiências vividas e os acontecimentos considerados importantes no momento da narração podem influenciar o narrador, alterando a história.

Por essa razão, os mitos estão sempre se modificando! E é por isso que existem várias versões de um mesmo mito: há diferentes formas de contar uma mesma história.

MITOS INDÍGENAS

Os povos indígenas, assim como outras sociedades, também transmitem seus conhecimentos e experiências por meio de narrativas míticas.

Por serem populações que, até pouco tempo atrás, não registravam seus saberes na forma de textos escritos, o principal jeito de transmitir conhecimentos era – e ainda é – por meio da fala. Além dos mitos, existem outras formas de expressão oral, como os cantos, diálogos cerimoniais e outros tipos de discurso.

Em cada grupo indígena, há pessoas que se destacam na **arte de contar mitos**. São geralmente pessoas mais velhas, que possuem um grande conhecimento das tradições culturais de seu povo. É bastante comum que xamãs, pajés ou mestres cantores sejam esses sábios narradores. Suas histórias são apreciadas por toda a comunidade.

Os mitos podem ser contados em momentos em que a aldeia está mais tranquila, geralmente à tarde ou nas primeiras horas da noite, quando todos já terminaram suas tarefas e estão reunidos em casa. As histórias também podem ser contadas durante alguma atividade cotidiana, em uma caminhada na mata, em uma pescaria, durante os trabalhos na roça...

Há situações em que os mitos são narrados na forma de cantos. Entre os Marubo, que vivem no Estado do Amazonas, os mitos são cantados pelos *kechitxo*, cantadores que para se formarem passam por um longo processo de aprendizagem. É nesse processo que os *kechitxo* mais velhos ensinam a um parente jovem os seus cantos-mito.

Os Marubo cantam seus mitos para curar doenças e, para cada doença, existe um canto diferente. Os cantos podem ser curtos, duran-

do apenas 20 minutos, ou muito longos, cantados ao longo de até três dias. Um tema comum nos cantos longos é aquele que fala sobre o surgimento das pessoas, dos animais, dos espíritos, enfim de como surgiu todo o universo. Os mitos podem ser cantados para poucas pessoas durante a noite, após a refeição, ou em festas onde se reúnem parentes de diversas malocas. Nessas ocasiões, o *kechitxo* canta acompanhado pelos jovens.

TODOS OS POVOS INDÍGENAS TÊM OS MESMOS MITOS?

Não, muito pelo contrário! Assim como existem muitos grupos indígenas, há também muitas diferenças entre os seus mitos.

No Brasil, há mais de 240 povos indígenas, imagine só quantos mitos diferentes existem! Se pensarmos, então, que dentro de uma mesma aldeia existem variações... Os mitos são criações originais e por isso são muito variados!

Existem temas comuns aos mitos ameríndios, porque durante milhares de anos, esses povos conviveram, realizaram trocas, compartilharam experiências e ideias e assim se criou um conjunto de características comuns.

OS MITOS INDÍGENAS FALAM SOBRE O QUÊ?

Os mitos falam sobre muitas coisas. Contam as aventuras de heróis e seres que viveram no “começo dos tempos”, quando o mundo e os diferentes seres não haviam sido criados.

Nesse tempo, por exemplo, os humanos e os animais podiam conversar entre si, pois um entendia o que o outro falava. As narrativas também contam como os homens, os animais, as plantas e outros seres foram se tornando diferentes entre si.

Falam sobre conquistas, descobertas, dilúvios, catástrofes, transformações... Contam como os seres que viveram no começo dos tempos transformaram ou criaram o mundo do jeito como ele é hoje. Estes seres ensinaram aos humanos o jeito certo de viver em sociedade, de fazer as festas e os rituais, de fazer roça, de caçar, de pescar, de fazer rede, cestos, dentre tantas outras coisas importantes para a vida.

Veja como o povo Desana, que vive no estado do Amazonas, no Brasil, e na Colômbia conta a história da origem da humanidade.

Para os Desana, a humanidade inteira tem a mesma origem. Contam que quando o mundo não existia, uma mulher conhecida como *Yebá Buró*, a Avó do Mundo, gerou cinco homens Trovões. Eles é que deveriam criar a humanidade, mas não conseguiram. Então ela criou o Bisneto do Mundo, *Yebá Gõãmu*, e depois seu irmão, *Umukomahsu Boreka*. Esses irmãos e o Terceiro Trovão saíram para criar a futura humanidade, levando todas as riquezas que



Desenhos nos postes das malocas Matapý e Carurú.
Rio Caiary-Uaupés. Theodor Koch-Grünberg, 1967

possuíam. O Terceiro Trovão transformou-se em uma cobra grande e desceu até o fundo do Lago de Leite. Essa cobra, chamada de Canoa de Transformação, tinha os dois irmãos como comandantes e se deslocava como um submarino. Eles criaram casas em baixo d'água e em cada lugar que paravam faziam rituais com as riquezas que haviam levado. Estas riquezas se transformaram em gente. Depois, os irmãos criaram as línguas dos diferentes povos que ainda hoje vivem na região do Alto Rio Negro. Na volta, a cobra grande levou os humanos até uma cachoeira. Foi lá que eles pisaram na terra pela primeira vez. O Bisneto do Mundo não foi à terra, mas deu origem ao chefe dos Tukano, que foi o primeiro a descer da cobra-canoa. Depois foi *Boreka*, chefe dos Desana, quem desceu. O terceiro foi o chefe dos Pira-Tapuya, o quarto o dos Siriano, o quinto o dos Baniwa e o sexto o dos Maku. O Bisneto do Mundo deu a todos eles alguns objetos e o poder de serem tranquilos, de fazerem grandes festas e de conviverem bem com muita gente. O sétimo a sair foi o homem branco, que tinha uma espingarda na mão. *Yebá Gõãmu* não lhe deu bens, mas disse que seria uma pessoa sem medo, que faria guerra para roubar a riqueza dos outros.

Conheça alguns temas comuns aos mitos indígenas.

HISTÓRIAS SOBRE O SOL E A LUA

→ Como contam os Inuit?

Os Inuit, que vivem na região do Estreito de Bering (norte do continente americano), também conhecidos como Esquimó, contam que, antigamente, numa aldeia da costa viviam um homem e sua mulher. Tinham dois filhos, uma menina e um menino. Quando as crianças cresceram, o rapaz se apaixonou pela irmã. Como ele não parava de incomodá-la, ela fugiu para o céu e se transformou na lua. Desde então, o rapaz não parou de persegui-la, na forma de sol. Às vezes, ele consegue se aproximar dela e abraçá-la. É nesse momento que acontece um eclipse da lua.

→ Como contam os Kanamari?

Os Kanamari falam uma língua da família Katukina e vivem em diferentes terras indígenas no estado do Amazonas. Eles contam que, muito tempo atrás, duas crianças nasceram em uma aldeia: um menino e uma menina. Elas foram criadas juntas. Quando cresceram, o irmão foi em uma noite à rede da sua irmã e namorou com ela. Como ele ia só à noite e não falava nada, sua irmã não sabia que o visitante era ele. A moça queria descobrir quem era o rapaz e teve uma ótima ideia: colocou tinta de jenipapo em uma jarra e deixou-a debaixo de sua rede. À noite o rapaz foi lhe visitar novamente e antes que ele fosse embora ela marcou o rosto dele com a tinta. Ao amanhecer, ela viu que o rapaz com o rosto manchado de jenipapo era seu próprio irmão! Os dois ficaram com muita vergonha e se separaram. A partir daquele dia, o menino virou lua e a menina, sol, e nunca mais se encontraram.

→ Como contam os Taurepang?

Os Taurepang, que vivem na fronteira entre o Brasil, a Venezuela e a Guiana, contam que antigamente, Wei e Kapei, o sol e a lua, eram muito amigos e nunca se separavam. Naquele tempo, Kapei (lua) tinha um rosto limpo e gracioso. Ele se apaixonou por uma das filhas do sol e começou a visitá-la todas as noites. Isso não agradou o sol, que mandou sua filha sujar o rosto do amante (lua) com sangue menstrual.

Desde então, os dois astros se tornaram inimigos e a lua, que ficou com o rosto todo manchado, evita o sol.

HISTÓRIAS SOBRE O ROUBO DO FOGO

→ Como contam os Ticuna?

Os Ticuna, que vivem no Amazonas (Brasil), no Peru e na Colômbia, contam que antigamente os homens não conheciam nem a mandioca-doce nem o fogo. Uma velha aprendeu com as formigas o segredo da mandioca e, seu amigo, um pássaro noturno, o curiango, lhe fornecia o fogo. O pássaro guardava o fogo no bico e o usava para cozinhar a mandioca, ao invés de aquecê-la no sol ou nas axilas. Os homens achavam deliciosos os beijos que a velha fazia e queriam a receita. Ela dizia que os cozinhou simplesmente com o calor do sol. Mas o pássaro achou graça da mentira dela e não aguentou: deu uma gargalhada! Logo todos viram as chamas saindo de seu bico. Os homens decidiram abrir à força o bico do pássaro e assim roubaram-lhe o fogo. É por causa disso que hoje em dia os curiingos têm um bico grande. Foi a partir desse dia que os homens puderam usar o fogo para cozinhar!

→ Como contam os Tembé?

Antigamente, o urubu-rei era dono do fogo e os homens tinham que secar sua carne ao sol. Um dia, eles decidiram roubar o fogo e mataram uma anta. Quando os restos da caça ficaram cheios de vermes, o urubu-rei desceu do céu com seus amigos. Todos tiraram suas roupas de pena e apareceram sob forma humana. Acenderam um grande fogo, enrolaram os vermes em folhas e os colocaram no fogo para assar. Os homens, que estavam escondidos perto da carniça, conseguiram, depois de uma tentativa fracassada, roubar o fogo dos urubus!

→ Como contam os Katukina?

Os Katukina falam uma língua da família Pano e vivem na região do alto Juruá, no Acre. Esse povo também tem várias histórias sobre a origem do fogo, uma delas é assim:

Um dia a onça foi caçar e pediu ao periquito e à coruja que ficassem de olho no fogo, porque este podia se apagar. A onça disse que se eles cuidassem do fogo direitinho ela lhes daria um pouco de caça. Dito e

feito! O periquito e a coruja ficaram cuidando do fogo, mas, na volta, a onça comeu tudo sozinha. No dia seguinte, lá foi a onça caçar de novo. Fez o mesmo pedido ao periquito e à coruja. No fim da tarde, a onça voltou da caçada e o periquito logo perguntou se ela daria um pedaço de carne para ele assar. Ela disse que sim, mas no fim das contas acabou comendo toda a carne. Isso se repetiu durante vários dias até que um dia a coruja e o periquito decidiram roubar o fogo da onça. A coruja teve a ideia de esconder o fogo no buraco de uma árvore e foi isso que o periquito fez antes que a onça retornasse da caçada. A onça, quando viu que estava sem fogo, ficou desesperada. Ela tentou fazer fogo de novo, mas não conseguiu. Aí percebeu que daquele momento em diante teria que comer carne crua... O periquito cuidou muito bem do fogo, que estava guardado numa árvore bem alta. Ele tinha um bico grande, mas o fogo o queimou quase todo e é por isso que hoje o bico do periquito é bem pequeno. Foi o periquito que deu o fogo aos humanos, que antes só comiam carne crua!

HISTÓRIAS SOBRE A ORIGEM DAS PLANTAS CULTIVADAS

→ Como contam os Iranxe Manoki e Menky Manoki?

Os Iranxe Manoki e Menky Manoki, que vivem no Mato Grosso, contam que, antigamente, um menino estava muito triste, pois sentia que seu pai não gostava dele. Um dia a mãe do menino chamou-o para fazer uma coleta no mato. Na volta, o menino decidiu não voltar mais para aldeia e pediu a sua mãe que o enterrasse ali mesmo, no mato. Disse que não morreria e que sua cabeça deveria ficar para fora da terra. A mãe, muito triste, atendeu ao desejo do filho e foi embora, sem olhar para trás, como ele havia pedido. Quando ela chegou em casa, contou tudo ao marido e, algum tempo depois, eles foram até o lugar onde o menino estava enterrado. Ao se aproximarem, escutaram um canto muito bonito e viram uma grande roça, cheia de alimentos! A cabeça do menino virou cabaça, as pernas e os braços se transformaram em mandioca, os dentes deram origem ao milho, as unhas viraram amendoim... Foi assim que surgiram as diferentes plantas cultivadas hoje pelos Iranxe Manoki e Menky Manoki!

→ Como contam os Enawenê-nawê?

Os Enawenê-nawê, que também vivem no Mato Grosso, contam uma história parecida com a dos Iranxe Manoki e Menky Manoki. Mas, ao invés de um menino, foi uma menina quem deu origem às plantas cultivadas.

Certo dia uma jovem menina pediu a sua mãe que a enterrasse. Apesar da tristeza, a mãe atendeu ao pedido da filha e a enterrou até a cintura numa terra fofa e fria. Após seu enterro, a menina pediu a sua mãe que não olhasse para trás. Pediu também que voltasse para visitá-la depois das primeiras chuvas. Recomendou, por fim, que não esquecesse de lhe trazer peixe e que mantivesse o terreno a sua volta sempre limpo e bem cuidado. A mãe fez tudo o que a filha pediu e, ao voltar ao local, encontrou uma roça de mandioca bonita e bem formada. De cada parte o corpo da menina brotou uma nova planta, dando origem às variedades de mandioca hoje cultivadas pelo Enawenê-nawê. A mãe visitava frequentemente a roça, limpava em volta das plantas e retirava com cuidado suas raízes levando-as para a aldeia, onde todos se alimentavam. Acompanhando todos estes acontecimentos, outras mães também resolveram enterrar suas filhas, e foi assim que surgiram outras plantas como a batata doce, o cará, o inhame...



Laureano Ramos, do povo Tuyuka, narra histórias a jovem pesquisador para o livro "Peixe e Gente", na Escola Tuyuka, Terra Indígena Alto Rio Negro (AM).

QUEM FAZ O QUÊ?

É bastante comum, entre os povos indígenas, uma divisão das tarefas entre homem e mulher. Isto significa que existem atividades que são feitas somente pelas mulheres e outras, somente pelos homens.

Mesmo que esta divisão não seja igual em todos os povos, as tarefas relacionadas ao preparo dos alimentos, ao cuidado com as crianças e algumas atividades na roça são, geralmente, de responsabilidade das mulheres. Já os homens são responsáveis pela derrubada do mato para a criação da roça, pelas atividades de caça, de guerra, entre outras.

É importante dizer que as atividades feitas por cada um dos gêneros (feminino ou masculino) se completam, pois juntas garantem a qualidade de vida de toda a comunidade.

Você já imaginou o que seria da refeição de uma família sem o trabalho realizado pelos homens que saíram para caçar ou pescar? E como esta seria sem o trabalho das mulheres que prepararam toda comida?

© Kristian Bengston



Mulheres nambikwara lavando roupa no rio.



Menino waimiri atroari com seu arco em miniatura.

Juntos, homens e mulheres, são responsáveis pela produção dos alimentos, das redes, dos bancos, das casas, das canoas, das ferramentas utilizadas no dia a dia, como vasos de cerâmica, cestos, flechas, ar-

cos etc. Vemos assim que o trabalho de cada membro do grupo é fundamental para toda comunidade.

As crianças aprendem desde cedo as tarefas do dia a dia, e é muito comum ver uma menina ajudando sua mãe ou um menino acompanhando seu pai em seus afazeres. Elas costumam construir objetos iguais aos dos adultos, mas em miniatura.

Assim, brincando de imitar os mais velhos, meninos e meninas aprendem as atividades que mais tarde irão desempenhar com perfeição.

QUEM FAZ O QUÊ ENTRE OS ARAWETÉ?

Os **Araweté** vivem no Pará e falam uma língua da família Tupi-Guarani. São caçadores e agricultores e moram em uma única aldeia, próxima ao igarapé Ipixuna.

Todo homem araweté, desde a adolescência, possui seu arco e suas flechas, e adora exibi-los, passeando com seus objetos pela aldeia e carregando com orgulho nas festas. Tanto os jovens como os adultos passam grande parte de seu tempo fabricando e consertando seus arcos e flechas. Eles usam três tipos de flechas: uma para caçar animais grandes e duas para pássaros, peixes e mamíferos pequenos.

Na época do mel, os homens saem à procura de colmeias nas árvores. Essas excursões na mata são sempre animadas e divertidas, com muitas conversas e brincadeiras no caminho. Mesmo que as mulheres não sejam responsáveis por pegar o mel, é muito importante que elas



Araweté tecendo algodão, Terra Indígena Araweté, Igarapé Ipixuna (PA).

acompanhem os homens, porque assim podem pegar folhas de açai para fazer o *yiyipe* (recipiente onde se toma o mel) e sair em busca de castanha-do-Pará.

As mulheres passam muitas horas do dia na produção dos fios de algodão para as redes e as roupas que usam, como os panos de cabeça, a tipoia, a cinta interna e a saia externa que vestem desde pequenas. São elas que fazem a tinta de urucum, utilizada para tingir de vermelho seus panos e para pintar o rosto.

Além disso, é tarefa feminina e das crianças araweté colher as espigas de milho e fazer a farinha. A pesca, quando não é feita com o timbó, mas sim com linha ou arco e flecha, é uma atividade realizada normalmente pelas mulheres e pelos meninos e meninas.

Assim, de brincadeira ou não, todos as pessoas, sejam elas crianças, adultos ou jovens, fazem trabalhos que se complementam e participam da produção de tudo o que é necessário e importante para a vida na comunidade.

QUEM PRODUZ O ALGODÃO ENTRE OS PANARÁ?

Os **Panará**, também conhecidos como Krenakore, viveram durante vinte anos no Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso).

Recentemente, eles reconquistaram o seu antigo território, onde construíram uma nova aldeia. Sua terra está localizada nos estados do Mato Grosso e Pará. Os Panará falam uma língua da família Jê.

O texto abaixo, retirado do livro *Ecologia, Economia e Cultura* (2005), fala da importância das mulheres na produção do algodão.

As mulheres é que cuidam do algodão!

O algodão nasce quando plantamos a semente. O pé de algodão é pequeno, ele demora quase um ano para produzir.

Quando o algodão começa a dar frutinha a mulher cuida bem direitinho. Para não morrer, sempre tem que limpar onde foi plantado. A mulher que é dona do algodão.

Esse algodão é encontrado na roça bem perto da casa, a mulher vai buscar a pé e traz só as frutinhas para poder fazer os fios. Não precisa cortar, só tirar a frutinha. Quando a pessoa corta, acaba com recurso natural. As mulheres fiam o algodão e os homens usam para fazer cocar.

Antigamente usávamos muito o algodão para fazer cinto e flecha, meu povo Panará sempre guardava a semente do algodão para poder plantar na época da chuva. Os Panará antigos usavam algodão quando não tinham contato com os não índios. Até agora nós usamos para fazer cocar, cesto, flechas, cinto, colar e brinco.

Antigamente, sempre guardávamos a semente de algodão para não acabar com esse recurso natural, por isso sempre as mulheres cuidam desse algodão para poder produzir. Se não cuidar e não guardar direito, a semente do algodão vai ficar estragada, aí não dá para produzir. Por isso meu povo sempre cuidou assim. (Texto de Krekreasã Panará)



DIVISÃO DE TAREFAS ENTRE OS KÍSÊDJÊ

Os **Kísêdjê**, também chamados de Suyá, vivem no Parque Indígena do Xingu. Entre eles, as atividades femininas e masculinas são bastante diferentes.

O texto abaixo foi retirado do livro *Geografia Indígena* (1996) e conta um pouco sobre o que fazem os homens e as mulheres na aldeia.

Uma aldeia no Xingu

Nós vivemos na aldeia, cada povo habitante do Xingu tem seus costumes diferentes dos outros.

Nas aldeias, os homens e as mulheres têm os seus trabalhos para fazer, mas nem todos são iguais.

Os trabalhos dos homens são: fazer canoa, arco, flecha, borduna, casa, cocar, bancos para sentar, remo, jirau para secar massa de mandioca, roçar, derrubar, plantar, pescar, buscar lenha, capinar em baixo das plantas, caçar, rachar lenha, tirar mel, cortar ramas de mandioca e mais outros serviços.

Os trabalhos das mulheres são: fazer rede, esteira para espremer massa de mandioca, beiju, comida, colares, limpar a casa, ralar mandioca, de vez em quando os homens ajudam a buscar macaxeira na cabeça.



© André Ricardo/ISA

Mulher e criança kaiabi preparando comida com peixe assado, PIX (MT).

Quem recebe as visitas sempre é o cacique, se ele não estiver, os representantes dele podem receber e as visitas têm que respeitá-los para conversar.

Não é qualquer pessoa que pode se apresentar e levar a visita para sua casa, tem que ser na casa do cacique ou dos representantes.

No centro da aldeia tem uma casinha onde só os homens podem andar, mas de vez em quando as mulheres também podem entrar, quando tem alguma notícia muito importante para todos.

Nessa casinha, os homens podem se reunir, podem fazer artesanato, podem fazer comida e qualquer outra coisa.

As mulheres, de vez em quando, podem se reunir, fazer comida, bebida, fazer as coisas de sua parte, mas os homens que são os donos da casinha.

Na aldeia, tem festa que as mulheres e os homens podem dançar juntos, têm outras festas que as mulheres não podem ver, também têm as brincadeiras na chuva. (Texto de Kaomi Suyá)

© André Villas Bôas/ISA



Vista aérea da aldeia Ngoiwêrê do povo Kisêdjê, PIX (MT).

Petróglifos no rio Aiari, comunidade baniwa de Apui Cachoeira, TI Alto Rio Negro (AM). Foto: Beto Ricardo/ISA





**ANTES DE
CABRAL**



Quadro de Oscar Pereira da Silva, de 1902, retrata a chegada dos portugueses ao Brasil.

Pedro Álvares Cabral foi o comandante da primeira expedição portuguesa que chegou ao território que mais tarde receberia o nome de Brasil. As 13 caravelas lideradas por Cabral chegaram no dia 22 de abril de 1500.

Dizem que este grande território foi descoberto nesse dia e para muitas pessoas a história do Brasil começou aí. É assim que muitos livros didáticos ensinam. Mas iremos aprender que muita história acontecia por aqui antes da chegada dos portugueses...

Muitos estudos indicam que no início do século XVI havia entre 2 e 4 milhões de índios. Se compararmos com o número de indígenas que existem hoje no Brasil, cerca de 800 mil, notamos que houve uma enorme diminuição dessa população.

Ainda não sabemos o quanto essas populações eram parecidas com os povos indígenas atuais. Mas sabemos que a chegada dos europeus foi de grande impacto em suas histórias. Povos como os Kadiwéu sobreviveram à conquista e até desenvolveram técnicas de domesticação de cavalos europeus. Outros povos desapareceram completamente em poucas décadas.

Um número enorme de indígenas morreu por causa das doenças trazidas pelos colonizadores europeus, como por exemplo a gripe, o sarampo, a coqueluche, a varíola e a tuberculose. Doenças com as

quais as populações indígenas nunca haviam tido contato. Considerada por alguns especialistas como uma das maiores tragédias biológicas do mundo, essa mortandade também foi favorecida pela ação missionária e do Estado.

Não é possível saber qual era exatamente o tamanho dessas populações desaparecidas e para onde foram. Mas pelos estudos arqueoló-



QUIZ

O BRASIL FOI DESCOBERTO OU OCUPADO PELOS COLONIZADORES?

Os portugueses chegaram, ocuparam um território que já existia, fizeram os habitantes desse território aceitar seu jeito de viver, de falar, de acreditar em Deus, sem ao menos perguntar se eles estavam interessados nisso.

O que você acha mais adequado dizer?

- A. Os portugueses descobriram o Brasil.
- B. Os portugueses ocuparam o Brasil.

Você escolheu a melhor alternativa se optou pela alternativa **B: "Os portugueses ocuparam o Brasil"**. Se usamos a palavra descobrimento, ou expressões como "o Brasil foi descoberto", "os portugueses descobriram o Brasil", estamos cometendo um erro. E estamos demonstrando desconhecimento sobre as populações indígenas, que já existiam no Brasil, e suas histórias. Esse jeito de falar dá a impressão de que não havia ninguém no imenso território que veio a se chamar Brasil. Ou mostra que achamos que as culturas que existiam aqui antes não valiam nada e que aquela que se instalou depois lhes era superior. Achar isso é demonstrar preconceito!

gicos sabemos, por exemplo, que a população na calha do Rio Amazonas era muito maior no século XVI que no final do século XVII.

Arqueologia é o estudo das sociedades do passado através dos vestígios materiais por elas deixados. Seu objetivo é compreender os modos de vida daquelas populações. Os estudos arqueológicos podem ser sobre diferentes épocas, desde os tempos mais antigos, a partir do surgimento da espécie humana, até períodos mais próximos do presente.

O QUE É UM SÍTIO ARQUEOLÓGICO?

Os povos que não utilizavam a escrita só podem ser conhecidos hoje por meio dos vestígios materiais que deixaram nos locais em que viviam. O sítio arqueológico é o que restou das coisas que as pessoas fabricaram e usaram ao longo de sua vida em um determinado lugar (painéis de cerâmica, restos de machado e outras ferramentas feitas de pedra, sinais de que fizeram roças e plantaram alimentos etc).

© Emerson Guerra



Fragmentos de objetos de cerâmica em sítio arqueológico, Terra Indígena Pequizal do Naruvôtu (MT).

POVOAMENTO DAS AMÉRICAS

Existem muitas dúvidas sobre chegada dos primeiros humanos ao continente Americano. É certo que por volta de 10 mil anos atrás já existia a presença humana em todo o continente. Também é certo que há cerca de 12 mil anos uma parte do território brasileiro já era ocupada por populações de caçadores-coletores.

Alguns pesquisadores afirmam que é possível que tenham havido algumas migrações há cerca de 50 mil anos atrás!

Os primeiros grupos de humanos que chegaram ao continente eram formados por caçadores-coletores, isto é, povos que viviam da caça e da coleta de produtos vegetais. Esses povos apresentavam uma grande variedade de características físicas. Havia desde indivíduos se-



melhantes aos povos mongolóides, com feições orientais – desses indivíduos que descendem todos os povos indígenas existentes hoje. Até pessoas com traços muito mais parecidos com os traços dos grupos que habitavam a África e a Austrália.

Uma das teorias sobre o povoamento das Américas diz que os primeiros humanos chegaram à região ao cruzarem o Estreito de Bering, localizado entre a Sibéria, na Ásia, e o Alasca, na América do Norte.

Há aproximadamente 12 mil anos essa região estava toda congelada, formando uma “ponte” entre os continentes asiático e americano. Alguns grupos humanos, acompanhando manadas de grandes animais teriam passado por essa “ponte”, iniciando assim a ocupação das Américas. Esses grupos teriam ido primeiro aos planaltos norte-americanos e, daí iniciado seu deslocamento rumo ao sul, espalhando-se por todo o continente.

Entre 10 mil e 2500 anos atrás houve um aumento gradual da temperatura e, por isso, muitas mudanças ocorreram no meio ambiente, transformando também a vida das populações que ocupavam o continente.

Dentre essas mudanças destacam-se a formação de grandes áreas de floresta, a mudança no regime dos rios, que passaram de temporários a perenes (não secam mais) e a formação e expansão de manguezais (vegetação própria de regiões de encontro do rio com o mar). Foi assim que surgiu uma grande variedade de recursos naturais que são utilizados até hoje pelos seres humanos.

Com essas mudanças pequenos grupos humanos foram se adaptando aos diversos ambientes em formação. Adaptando-se ao território conhecido hoje como Brasil. E ocupando, assim, paisagens como cerrado, mata atlântica, floresta amazônica.

Foi, também, durante esse período que grupos humanos bastante distintos culturalmente foram se formando. O aumento do número de sítios arqueológicos datados desse período mostra o aumento da população, que ocorreu ao longo dos milênios.

O maior conhecimento do meio ambiente fez com que essas populações crescessem e se modificassem. Aos poucos elas foram se espalhando por todos os cantos do continente. Por volta de 4 mil anos atrás não havia nenhum lugar do Brasil que não tivesse sido ocupado por esses grupos de caçadores-coletores.

E QUANDO SURTIU A AGRICULTURA NO CONTINENTE AMERICANO?

As primeiras experiências de domesticação de plantas – é assim que os estudiosos do assunto dizem – foram feitas ainda 10 mil e 2500 anos atrás. Isto é, durante esse período que as populações que viviam no continente americano começaram a plantar e a cuidar de plantas que consideravam importantes. O cultivo de plantas como o tabaco, o milho e a pimenta, existia em quase todo o continente americano à época da chegada dos europeus.

Uma das maiores contribuições dos índios americanos a outras populações do mundo foi a grande quantidade de plantas por eles domesticadas antes da colonização, como por exemplo os diferentes tipos de batata, cará, mandioca, o amendoim, a abóbora, o maracujá, o cacau, o tomate, o mate, a baunilha, o abacaxi, o caju, o mamão e muitas outras frutas!

No Brasil a agricultura apareceu há cerca de 3 a 4 mil anos, no entanto foi a partir de 2 mil anos atrás que essa prática de subsistência foi difundida por aqui.

OCUPAÇÃO NO BRASIL

Você imagina como eram os povos que viviam no Brasil antes da chegada dos portugueses?

Os atuais povos indígenas na América do Sul e no Brasil são descendentes de populações que chegaram aqui há dezenas de milhares de anos e que, durante todo esse tempo, desenvolveram diferentes modos de vida e diferentes formas de organização social.

Assim, os povos que ocupavam o Brasil muito antes da chegada dos portugueses tinham também culturas muito diferentes umas das outras!

De norte a sul do Brasil, há registros de presença humana de mais de 10 mil anos atrás. Com o passar do tempo, esses grupos tornaram-se grandes conhecedores dos hábitos dos animais e das plantas. Eles viviam da caça e da coleta, a céu aberto e muito provavelmente não tinham habitação fixa: eram nômades.

Aos poucos eles foram se espalhando por todos os cantos do Brasil e por volta de 4 mil anos atrás não havia nenhum lugar que não tivesse sido ocupado por esses grupos de caçadores-coletores. Então, por volta de 2500 anos atrás, os povos que viviam por aqui começaram a criar aldeias e passaram a ocupar territórios extensos, com caminhos de ligação entre elas.

A riqueza de recursos que o ambiente oferecia (fartura de plantas e animais, por exemplo), as técnicas que descobriram para estocar e guardar e as trocas de mercadoria e conhecimentos entre os povos possibilitaram um grande desenvolvimento. E as populações aumentaram, assim como os territórios que ocupavam.

OS POVOS DOS SAMBAQUIS

Entre as diferentes populações de caçadores-coletores que viveram no território brasileiro, talvez as mais conhecidas sejam as sociedades dos sambaquis.

Sambaqui em Tupi quer dizer “monte de conchas”. São colinas formadas por conchas de moluscos consumidos por antigas populações,

que eram canoieiras. Os sítios arqueológicos mais conhecidos do litoral são os sambaquis, sendo a maior parte deles datados entre 4 e mil anos atrás.

Neles são encontrados também restos de esqueletos humanos, instrumentos de pedra lascada e polida, além de objetos feitos de ossos, dentes e conchas. Os sambaquis são encontrados desde o litoral do Nordeste, onde são raros, até o Rio Grande do Sul.

Os tamanhos dos sambaquis variam: desde pequenos montes de 10 metros de comprimento e 2 metros de altura, até verdadeiras montanhas de 500 metros de extensão e mais de 60 metros de altura.



Detalhe de sambaqui em Laguna (SC).

POR QUE OS SAMBAQUIS ERAM CONSTRUÍDOS?

Estudos recentes mostram que os sambaquis foram construídos com a intenção de serem marcos importantes nos territórios, para que pudessem ser vistos bem de longe. As populações que os construíram são conhecidas hoje como “sociedades dos sambaquis”. Alguns desses grandes sambaquis ainda existem, mas somente aqueles que não foram destruídos pelas mudanças causadas pela elevação do nível do mar.

OS POVOS DE LÍNGUAS TUPI

Quando os portugueses chegaram ao litoral, no entanto, eles não encontraram as sociedades dos sambaquis, mas outras, bem diferentes.

Os povos indígenas aqui encontrados e depois descritos pelos viajantes europeus foram povos falantes de línguas Tupi. Eles viviam em grandes aldeias, às vezes com até 2 mil habitantes, e tinham a agricultura como sua principal atividade de subsistência.

Os povos de língua tupi viviam, principalmente, do cultivo de alimentos pelo sistema de coivara, que ficou conhecido popularmente como roça. Os alimentos cultivados eram a moeda de troca usada com os europeus para conseguir objetos que apreciavam, como machados, facas, tecidos, espelhos...

COMO SE FAZ A AGRICULTURA DE COIVARA?

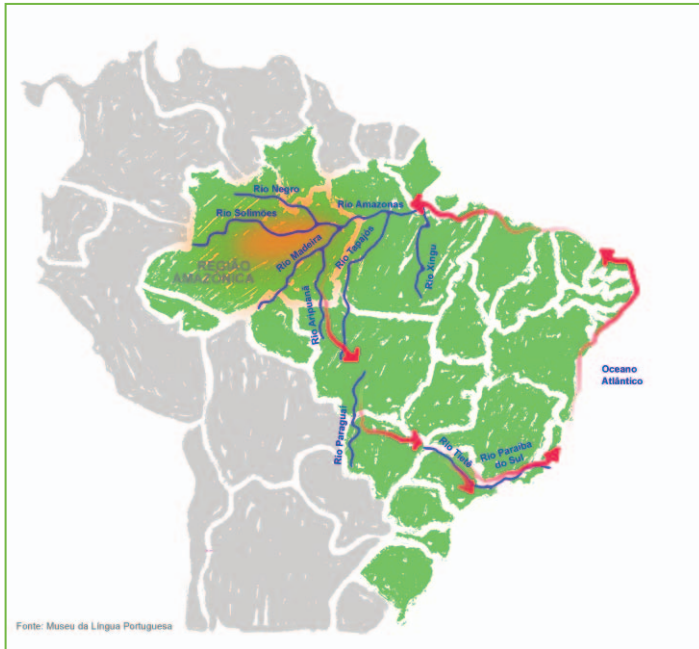
Primeiro derruba-se um trecho de mato, não muito grande. Depois de deixar o mato derrubado secar por um tempo, coloca-se o fogo, que limpa a área e a cobre de cinzas. Em seguida, faz-se uma limpeza na roça, tirando galhos e restos de árvores que não queimaram

© Beto Ricardo/ISA



Roça de coivara, Tunuí-Cachoeira (AM).

Este estilo de agricultura, combinado com um estilo de organização social, era comum por quase toda a parte das terras baixas das bacias dos rios, como o Paraguai, no Pantanal, e o Paraná, e também naqueles vales dos rios que correm diretamente para o mar, como o Paraíba, o Doce, o Ribeira do Iguape e o Jacuí.

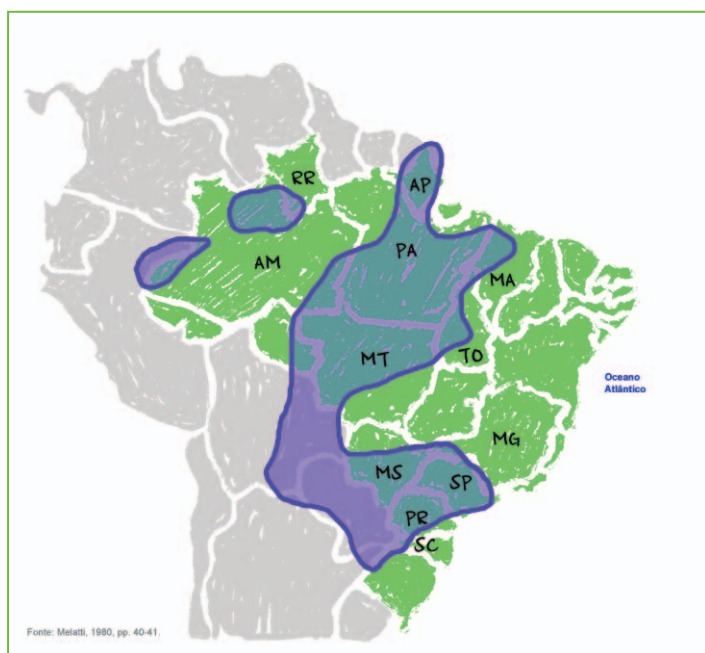




os grupos falantes de línguas do tronco Tupi tiveram uma origem comum: um grupo localizado entre o Baixo e o Médio Rio Amazonas. Diante de um aumento da sua população, esse grupo começou a se deslocar e conquistar a maior parte do território que veio a se tornar o Brasil, a partir de 4 ou 5 mil anos atrás.

Os nomes de lugares é um bom exemplo para mostrar a expansão dos grupos Tupi. Existem regiões com nomes de origem tupi em distantes regiões do Brasil. Araraquara, por exemplo, é o nome de uma cidade no interior de São Paulo e também de um rio no extremo norte do Estado do Amazonas.

DISTRIBUIÇÃO DOS POVOS DE LÍNGUA TUPI



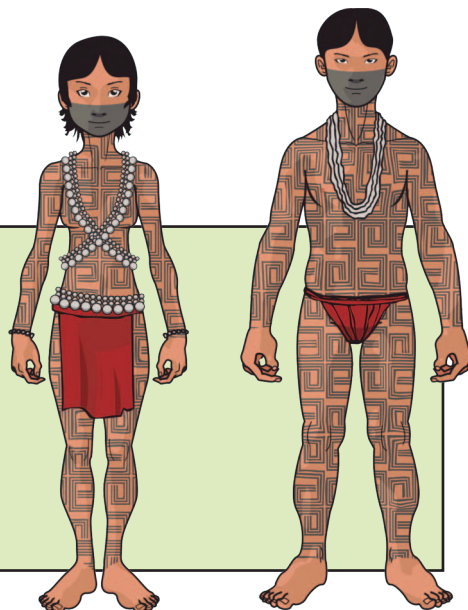


Resto de cerâmica encontrada em local de antiga aldeia Kisêdjê, Brasil Novo (MT).

Os vestígios arqueológicos mais importantes deixados pelos povos tupi foram restos de potes e tigelas de cerâmica encontrados nos locais das antigas aldeias.

ASURINI DO XINGU

São 165 índios que vivem em uma aldeia na margem direita do Rio Xingu, no Pará. Seus desenhos geométricos decoram corpos e objetos, representando elementos da natureza e seres sobrenaturais. A língua Asurini pertence à família Tupi-Guarani.



OS POVOS DE LÍNGUAS JÊ

Os povos de língua tupi não habitaram a região que agora chamamos Planalto Central Brasileiro. Nessa região seca, formada por chapadas e serras, conhecida como cerrado, se formaram sociedades com costumes diferentes dos tupi: falavam línguas do tronco Macro-Jê.

Os povos de línguas Jê ocuparam o Brasil Central há cerca de 11 mil anos. A partir de mais ou menos 1400 anos atrás, ocorreram importantes mudanças nos modos de vida dessas populações, que, sendo antes grupos nômades de caçadores-coletores, passaram a formar grandes aldeias e a desenvolver a agricultura. As aldeias circulares predominaram como forma de ocupação do espaço e se espalharam por toda a região!

Os sítios arqueológicos mostram que cerâmicas elaboradas foram produzidas nesse período.

Na época da chegada dos europeus, os grupos do Planalto Central viviam em aldeias bastante estáveis com centenas de pessoas em uma economia solidamente agrícola, que envolvia inclusive técnicas de manejo para a fertilização dos solos e padrões de organização social muitíssimo sofisticados.

O padrão de organização de suas aldeias – circular e dividido em metades – aparece em muitos sítios arqueológicos no Planalto Central. Ele é encontrado ainda hoje entre os descendentes daqueles conqui-



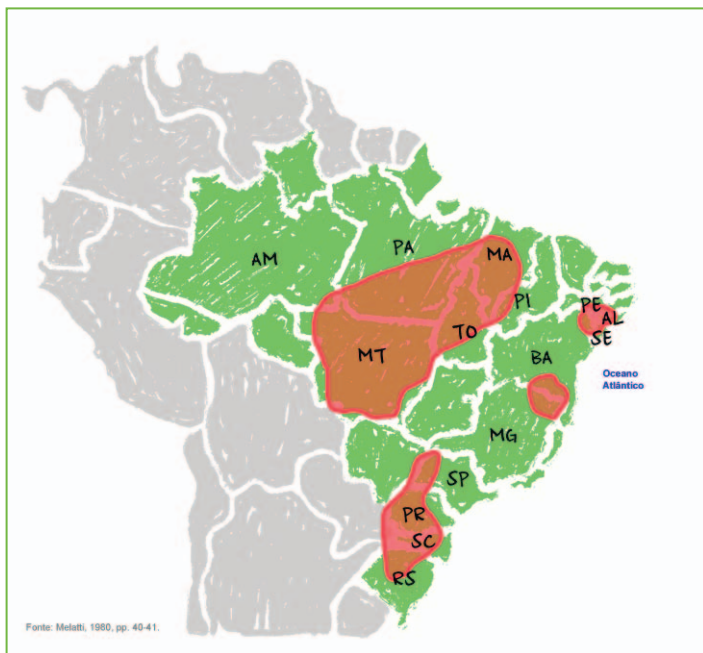
© André Villas-Bôas/ISA

Aldeia circular do povo Panará, um dos povos Jê, no estado do Pará, 2002.

tadores que continuam habitando os planaltos, como os Xavante, os Timbira e os Kayapó.

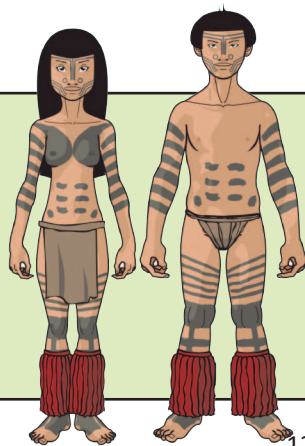
Os povos indígenas atuais falantes das línguas Jê podem ser considerados como legítimos herdeiros de uma cultura e tradição – economia, adaptação, mitos e organização clânica das aldeias – que tem uma longa história, toda ela vivida e revivida no coração do Brasil ao longo de pelo menos 1400 anos.

DISTRIBUIÇÃO DOS POVOS DE LÍNGUA MACRO-JÊ



KARAJÁ

Vivendo nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, os Karajá formam um grupo de mais de 3.000 pessoas. Falam uma língua que pertence ao tronco linguístico Macro-Jê. Os dois círculos tatuados na face são uma característica marcante do grupo.



AMAZÔNIA: FLORESTA COM GENTE DENTRO

A Amazônia, durante muitos anos, foi vista pelos estudiosos como um “deserto verde”, ou seja, era considerada um lugar onde não havia ninguém, só mata. Todos acreditavam que sua ocupação teria acontecido há pouco tempo e por um pequeno número de habitantes, mas estudos recentes mostram exatamente o contrário.

A história da ocupação humana na Amazônia teve início há pelo menos 11 mil anos, num período em que as práticas de agricultura não haviam sido adotadas. Os dados disponíveis mostram que estes primeiros grupos tinham um modo de vida baseado na caça, pesca e coleta, e que domesticaram algumas plantas como a pupunha, o mamão, pimentas e a mandioca. Esses grupos, que surgiram na própria Amazônia, eram sedentários e tinham formas complexas de organização social.



© Aloisio Cabalzar/ISA

Desenhos na pedra (petróglifos) marcam a ocupação humana na Amazônia. Itapinima, baixo Uaupés (AM).

Ao longo do rio Amazonas desenvolveram-se culturas muito complexas, como a **Marajoara** e a **Tapajônica**, com seus enfeites e cerâmicas muito bem trabalhados, são exemplos da beleza das culturas amazônicas. Estas deram origem a algumas características das culturas dos povos da região da cordilheira dos Andes.

Assim, a Amazônia pode ser vista como berço de vários povos indígenas que, a partir dali, se expandiram e também conquistaram grande parte do que hoje é o Brasil. Quer um exemplo? A **técnica da cerâmica** surgiu na Amazônia! Esta foi a área de origem e de expansão da produção de cerâmicas e outras técnicas importantes.

Restos de vasilhas de cerâmicas datados de 8 mil anos atrás foram encontrados ao longo do Rio Amazonas e de seus afluentes – rios menores que contribuem para a formação de um rio maior –, o que comprova a origem desta técnica. Essas evidências apontam para a existência de um estilo de vida adaptado ao ambiente de rio, rico para atividades de pesca, coleta e cultivo de diferentes recursos naturais. Essas populações ribeirinhas, isto é, que habitavam próximo a rios, cultivavam produtos como a abóbora, a mandioca e o milho.

Fontes de informação

- Povos Indígenas no Brasil <http://pib.socioambiental.org>
- Instituto Socioambiental www.socioambiental.org

QUEM SÃO

Quem é índio?, Eduardo Viveiros de Castro <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/quem-e-indio>
O Brasil é Grande, mas o mundo é pequeno (2008), Eduardo Viveiros de Castro <http://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/o-brasil-e-grande-mas-o-mundo-e-pequeno>
No Brasil todo mundo é índio exceto quem não é (2006), Eduardo Viveiros de Castro http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf
Índios no Brasil (2007), Julio Cezar Melatti

Línguas indígenas

Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas (1986), Aryan Rodrigues
Vitalidade da língua e línguas em perigo de extinção (2003), UNESCO
 ► Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília <http://www.laliunb.com.br>

ONDE ESTÃO

Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?, Dominique Tilkin Gallois. No livro *Terras Indígenas & Unidades de Conservação da natureza o desafio das sobreposições* (2004) http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/dgallois-1.pdf
"Os índios" e o futuro da sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil, Carlos Alberto Ricardo. No livro *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus* (1995)

COMO VIVEM

Alimentação

Aprendendo Português nas Escolas do Xingu - livro 2 (2005), Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e Instituto Socioambiental (ISA)
Saúde, Nutrição e Cultura no Xingu (2004), Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e Instituto Socioambiental (ISA)
Histórias tuyuka de rir e de assustar (2004), Associação Escola Indígena Utaipinopona Tuyuka, FOIRN e Instituto Socioambiental (ISA)
Ritos de uma Tribo Timbira (1978), Julio Cezar Melatti
Jane Reko Mokasia - Fortalecendo a Organização Social Wajãpi (2008), Pesquisadores e professores bilíngues wajãpi, Conselho das Aldeias Wajãpi (Apina), Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (Iepé), Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII/USP), Museu do Índio - Funai e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN/Minc

Brincadeiras

Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil (2007), Renata Meirelles
Jogos e brincadeiras do povo Kalapalo (2006), Marina Herrero
 ► Projeto Bira <http://www.projetobira.com>
 ► SESC SP <http://www.sescsp.org.br/kalapalo>

Casas

Wajãpi rena: roças, pátios e casas (2002), Catherine Gallois
Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas (2006), Dominique Tilkin Gallois
Índios no Brasil (2007), Julio Cezar Melatti
Observações sobre a habitação em três grupos indígenas brasileiros, Cristina Sá. No livro *Habitações Indígenas* (1983)

Jeitos de aprender

Histórias tuyuka de rir e de assustar (2004), Associação Escola Indígena Utapinopona Tuyuka, FOIRN e Instituto Socioambiental (ISA)

No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante, Angela Nunes. No livro *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos* (2002).

Entre o canto e a caneta: oralidade, escrita e conhecimento entre os Guarani Mbya (2008), Adriana Queiroz Testa

Ecologia, Economia e Cultura - livro 1 (2005), Associação Terra Indígena do Xingu 0

Mito, razão, história e sociedade, Aracy Lopes da Silva. No livro *A Temática Indígena na Escola* (1995).

Mitológicas. Volumes O cru e o cozido, Do mel às cinzas e A origem dos modos à mesa. São Paulo, Cosac Naify (2004, 2005 e 2006), Claude Lévi-Strauss

O universo, os deuses, os homens (2000), Jean-Pierre Vernant

Zwei Jahre unter der Indianer. Reisen in Nordwest-Brasilien (1903/1905). Koch-Grünberg, Theodor (1967).

Tākuna Nawa Buh Amteiyam Amkira – Mitos kanamari (2007), Povo Kanamari e COMIN

Noke shoviti – Mitos Katukina, Povo Katukina e Comissão Pró-Índio do Acre

Antes o mundo não existia - Mitologia dos antigos Desana-Kehiripōrā (1995), Tōrāmu Kehiri e Umusi Pārōkumu

Os Irantxe e Myky do Mato Grosso: um estudo do parentesco (2000), Ana Cecília Venci Bueno

Pesquisa etnológica entre os Tupi do Cuminapanema (1992), Dominique Gallois

Da cultura à natureza: um estudo do cosmos e da ecologia dos Enawenê-Nawê (2006), Gilton Mendes dos Santos

De 'cantos-sujeito' a 'patrimônio imaterial': considerações sobre a tradição oral Marubo (2006), Pedro de Niemeyer Cesarino

Quem faz o quê

Ecologia, Economia e Cultura - livro 1 (2005), Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e Instituto Socioambiental (ISA)

Geografia Indígena (1996), Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e Instituto Socioambiental (ISA)

Araweté: o povo do Ipixuna (1992), Eduardo Viveiros de Castro

ANTES DE CABRAL

Brasil 50 mil anos: Uma viagem ao passado pré-colonial (Guia temático para professores), Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE)

O Brasil antes dos brasileiros (2006), André Prous

Programa de educação patrimonial do levantamento arqueológico do gasoduto coari-manaus (Guia temático), Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE)

Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil, Eduardo Góes Neves. No livro *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus* (1995)

- ▶ Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) <http://www.mae.usp.br>
- ▶ Arqueologia Brasileira - Itaú Cultural <http://www.itaucultural.org.br/arqueologia>
- ▶ Fundação Museu do Homem Americano <http://www.fumdam.org.br>

1ª edição, 2015, tiragem: 3.000

2ª edição, 2020

tiragem: 2.000

impressão e acabamento: Editora e Gráfica Bernardi (EGB), São Paulo - Brasil